

BLUMENAU

em Cadernos

	TOMO XXXVIII
FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU 25 ANOS	NOVEMBRO E DEZEMBRO 1997
	NÚMERO 11

40 ANOS
1957-1997

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau
Braulio Maria Schloegel
Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira
Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica
Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Blumenau

COPYRIGHT © 1997 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Gilberto da Silva Santos

Acervo: Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Frente: **Rua 15 de Novembro na década de 1950**

(Casa Husadel, Livraria Blumenauense e antiga Igreja Matriz)

Verso: **Rua 15 de Novembro na década de 1910**

(Casa Comercial Hermann Hering, Casa Husadel e Igreja Matriz)

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,

Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Cavalgadas e Impressões no Sul do Brasil <i>Dr. Wilhelm Lacmann</i>	09
Meu fiel Testemunho <i>Enéas Athanázio</i>	56
Arma Sempre Viva <i>Lothar Schmidt</i>	58
Páginas de Vida Pulsante <i>Maria Bernardete Ramos Flores</i>	60
Relatos Estrangeiros de Interesse para a História Catarinense <i>Odilon Nogueira de Matos e Maria Lucia S. R. Ricci</i>	62
Blumenau em Cadernos: 40 anos <i>Bráulio Maria Schloegel</i>	66
Índice da Revista “Blumenau em Cadernos” - Tomo XXXVIII	68

Apresentação

Este número da revista "Blumenau em Cadernos" faz parte de uma série de projetos culturais que a Fundação Cultural de Blumenau vem desenvolvendo com vistas às comemorações dos 40 anos de edição deste periódico iniciado por José Ferreira da Silva em 1957.

Inúmeros pesquisadores, historiadores, memorialistas e escritores deixaram, ao longo destes quatro decênios, a sua contribuição literária, histórica e científica.

"Blumenau em Cadernos" preserva até hoje os princípios básicos idealizados por José Ferreira da Silva, ou seja, "*registrar o passado e o presente de Blumenau e região do Vale do Itajaí através de cadernos mensais.*"

Em função destes projetos comemorativos, "Blumenau em Cadernos", que tem por meta divulgar e potencializar fontes de pesquisa, programou como edição especial para marcar esta passagem, um relato do viajante alemão Wilhelm Lacmann.

Dr. Wilhelm Lacmann desembarcou no porto de São Francisco do Sul em maio de 1903, como passageiro do Vapor "Corrientes". Percorreu as áreas de colonização alemã de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul entre os anos de 1903 a 1904.

Em Santa Catarina visitou Joinville, São Bento, Blumenau, Colônia Hansa e subiu em direção ao planalto, onde visitou Lages para em seguida dirigir-se ao Rio Grande do Sul. Naquele estado narrou suas impressões de visita à capital Porto Alegre, como também seus estudos e observações nas regiões de colonização alemã de São Leopoldo, Neue Württemberg e Ijuí.

O resultado desta viagem de estudo e impressões gerou a produção de um livro em língua alemã, intitulado "*Ritte und Rasttage in Südbrasilien*" (Cavalgadas e Impressões no sul do Brasil), publicado em 1906, na cidade de Berlim, pela Editora Dietrich Reimer (Ernest Vohsen).

Para acessar as impressões de Lacmann ao leitor de "Blumenau em Cadernos", contamos com a colaboração do senhor Curt Willy Hennings, um indaialense que vive há mais de quarenta anos na Alemanha e entre as suas visitas anuais a Blumenau, prontificou-se a traduzir esta obra.

Dada a riqueza do conteúdo desta publicação para a historiografia da imigração alemã em Santa Catarina e em virtude de estar ao alcance de uns poucos leitores que dominam a língua de Goethe, procuramos publicar nesta edição comemorativa alguns capítulos que versam sobre a região do Vale do Itajaí.

Lacmann deixou transparecer claramente sua germanidade, típica do início do século e toda a sua análise e crítica refletem o pensamento da época. O autor demonstra, através das suas impressões o seu olhar de inferioridade em relação ao brasileiro, comparando-o com o teuto-brasileiro. Para os estudiosos, o texto de Lacmann se constitui em fonte documental, que servirá para analogias dos fatos ocorridos há 90 anos passados, através de uma releitura temporal e analítica dos anos 90 deste final de século.

Num segundo momento desta edição especial, contamos com os depoimentos de algumas pessoas que ao longo dos anos vêm colaborando com a revista.

Nestes quarenta anos de edição ininterrupta, temos o prazer de felicitar e agradecer aos nossos assinantes, colaboradores e patrocinadores, pela contribuição abnegada e sem a qual não poderíamos continuar preservando nossa história e memória coletiva como objetivou desde o início seu idealizador.

Destacamos também a relevada contribuição do fundador e primeiro diretor da Revista, professor José Ferreira da Silva, que conduziu até 1973 suas atividades. Assumindo então, Federico Carlos Allende que, após o falecimento de José Ferreira da Silva, continuou a edição deste periódico.

Contribuição ímpar e sem precedentes foi a do Sr. José Gonçalves, que desde 1977 até fevereiro de 1997, não mediu esforços para levar adiante a Revista da História do Vale do Itajaí.

Encerramos o ano de 1997 com a certeza de que os ideais de preservação e divulgação da memória historiográfica do Vale do Itajaí e Santa Catarina terão sempre como referencial bibliográfico a Revista "Blumenau em Cadernos".

E, para darmos mais respaldo científico a este brilhante periódico, conseguimos junto ao IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) o Registro ISSN (International Standard Serials Number), utilizado para identificar e individualizar o título de uma publicação seriada, tornando-o único a nível internacional.

Para cumprir com a missão de dar continuidade a este trabalho, esperamos contar com o apoio e colaboração de toda a comunidade e daqueles que se identificam com Blumenau, Santa Catarina e o Brasil.

**Documentos
Originais
Impressões
de Viagens**

**Cavalgadas e
Impressões
no sul do
Brasil***

Texto:

*Dr. WILHELM
LACMANN*

**BLUMENAU
EM CADERNOS**

40 ANOS

1957 - 1997

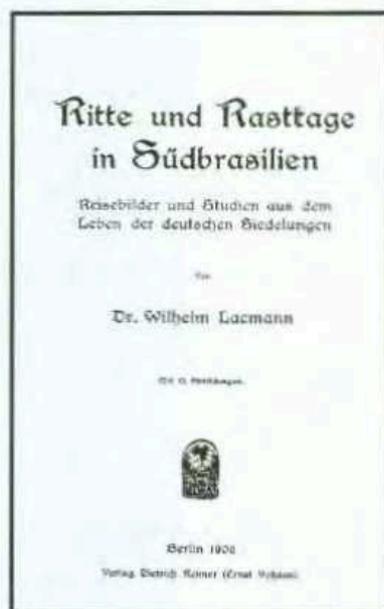
Introdução

A viagem para o Sul do Brasil que vou narrar nas próximas páginas ocorreu nos anos de 1903/1904. Desde então, aconteceram mudanças substanciais nas regiões visitadas.

Recebi auxílio valioso para a ilustração do meu trabalho, do Sr. A. W. Sellin de Hamburgo, do Sr. Dr. Hermann Meyer de Leipzig e do Sr. J. Schwabroh de Ijuí. A eles o meu agradecimento.

Colmar i. E., em Abril 1906.

Dr. Wilhelm Lacmann.



Contracapa do livro de
Wilhelm Lacmann

*) Tradução de Curt W. Hennings.

Para Blumenau

A cavalgada de São Bento para Blumenau - Os caminhos no Brasil - A cidade de Blumenau - Uma imprensa do Fim do Mundo - Memória do passado de Blumenau.

No dia 3 de junho de 1903, encilhei meu pangaré e parti em direção ao Sul. Logo depois de São Bento, passei pela localidade de Bechelbronn e iniciei a decida pelo belo vale encarpado do Rio Humboldt. Cheguei à região litorânea, o império das laranjeiras, cujos frutos abundantes e dourados brilhavam nos pomares.

No período da tarde passei por uma robusta ponte de madeira sobre o Rio Humboldt. Junto à ponte existem algumas casas de madeira que formam o Stadtplatz, ponto de entroncamento do Distrito Itapocu e da Colônia Hansa Humboldt. Do Stadtplatz, passei por uma ponte majestosa sobre o rio Novo, continuando pela Izabelstrasse. As encostas das montanhas são íngremes e as plantações em parte estão em terrenos bastante acidentados.

Pernoitei na hospedaria do Sr. Pieper que era simples, porém boa. Começou a chover e continuou durante todo o dia seguinte.

Devido ao mau tempo, permaneci em Humboldt e aproveitei o dia para observar "in loco" as condições de vida local. Mais tarde, permaneci por mais tempo numa povoação da Hansa, onde aprendi sobre as condições de vida e fiz um relato a respeito. Na manhã seguinte pude continuar minha cavalgada, pois o dia estava claro. Logo após o Stadtplatz atravessei o Rio Humboldt por uma passagem. A água estava bastante alta e precisei encolher as pernas para não molhar as botas. As chuvas dos últimos dias haviam amolecido a estrada e meu cavalo afundava na lama até os tornozelos. Mas, as experiências com as más condições das estradas brasileiras ainda estavam por vir.

Meu caminho seguia por uma bela floresta para o Vale do Itapocu. As montanhas tinham cumes ponteados como no Hochvogesen.

levantando seus picos selvagens acima de mim e gradativamente foram suavizando, imprimindo um aspecto mais alegre à paisagem.

O Vale do Itapocu paulatinamente se alargava e dava espaço suficiente às povoações ao longo do caminho. Atravessei o Rio Itapocu com uma balsa. Próximo a esta havia uma venda na qual fiz uma pausa para o almoço. Ali ouvi pela primeira vez, “in natura”, um dialeto que até o momento só havia escutado em piadas. Nesta região estão estabelecidos os teuto-húngaros.

À tarde, atravessei o Rio Jaraguá e depois o seu afluente, o Rio Serra, e em seguida acompanhei o rio Jaraguá em direção à sua nascente.

Ao anoitecer, cheguei a uma região de colonização italiana e estive próximo ao divisor de águas do Itapocu com o Rio Itajaí. Atravessei a Serra perto do pico Garibaldi, entrando no Vale do Ribeirão Adda.

Quem quiser conhecer as condições das estradas do Brasil, que viaje em épocas de muita chuva. E quem quiser poupar-se de horas de desespero de vida, que desista da intenção de viajar.

Minha montaria estava atolada na lama até a barriga. Queria conduzi-la pelas rédeas, mas era impossível porque as minhas botas ficaram presas no lamaçal. Não tive alternativa, continuei montado no cavalo. Já havia passado o alto da serra, quando começou a escurecer. Enxerguei ao longe uma luz, mas levei um bom tempo até chegar à Colônia. Perguntei pela próxima venda e responderam-me que logo adiante encontraria. Cheguei a uma casa de negócios que estava toda às escuras. Aos meus chamados apareceu um homem com uma lamparina, cumprimentou-me e tomou as rédeas do cavalo.

Naquela noite não havia muita escolha na comida que me apresentaram: serviram-me um pedaço de pão de milho com toucinho e um copo de cachaça. Para meu cavalo, encontrei milho e trato abundante. Pernoitei num rancho sem janelas sobre um estrado com roupa suja e úmida, mas apesar de tudo dormi muito bem.

Na manhã seguinte pedi água para lavar o rosto, mas informaram-me que a bacia estava em uso e recomendaram-me que procurasse um riacho próximo.

Na noite anterior eu já havia cruzado a divisa da Colônia Blumenau. O caminho era melhor que o anterior, porém continuava ruim.

Quem viaja deve acostumar-se com as condições das estradas do Brasil. Constróem a estrada, mas gastam muito pouco com a sua manutenção, e assim ela vai se deteriorando cada vez mais. Desbarrancamentos, cipós, taquaras e árvores caídas fecham o caminho e o viajante precisa usar o facão. A maioria dos caminhos não são macadamizados e tornam-se quase intransitáveis em épocas de chuva. Apavora àqueles que estão habituados às nossas belas estradas alemãs.

Banhados e poças d'águas alternam-se no caminho. Frequentemente as carroças se atolam nas estradas, precisam ser descarregadas e as cargas transportadas nas costas pelos piores trechos. Às vezes é necessário desmontar as carroças para desatolá-las.

Felizmente, as estradas não sombreadas pela floresta à margem, com tempo bom secam rapidamente. O sol é o "grande construtor" de estradas brasileiras. Os banhados secam, mas o que sobra não merece a denominação de estrada.

A maioria das pontes estão em estado deplorável: vigas podres, falta de pranchas e meio caídas. As pranchas não são substituídas enquanto não cedem sob o peso de um cavaleiro ou de uma carroça quebrando rodas, eixo e ossos. Mesmo depois de uma ponte ter ficado intransitável, leva muito tempo até que a consertem provisoriamente.

A travessia dos rios e riachos profundos normalmente é feita por balsas. Meu caminho prosseguiu ao longo da Pömmmerstrasse. No decorrer da tarde cheguei à baixada atravessada pelo Itajaí Açu. A localidade do Carijós fica na margem esquerda do rio e no outro lado as casas brancas de Indaial despontam entre o verde.

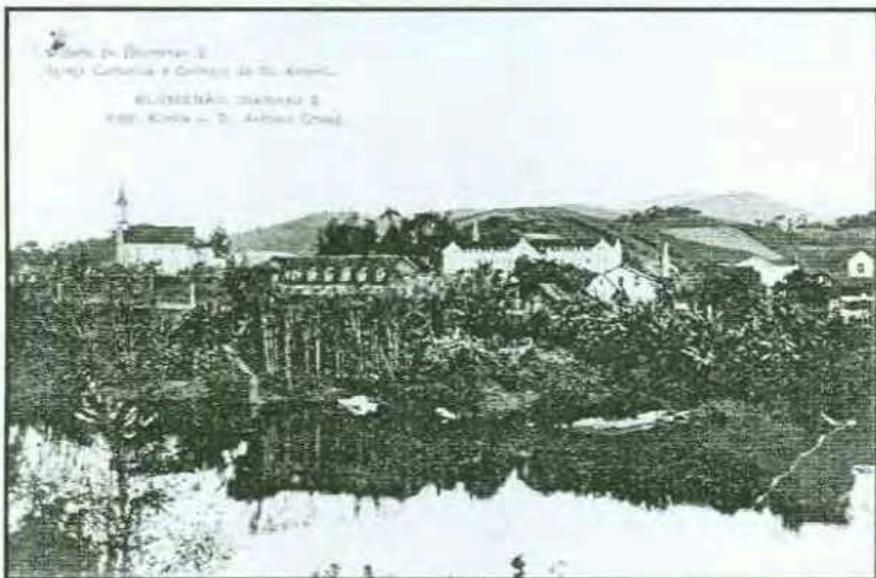
Atravessei o Rio com uma balsa e pernoitei em Indaial. Na manhã seguinte, depois de três horas de cavalgada, cheguei à cidade de Blumenau. Foi um passeio maravilhoso ao longo do belo Vale do Itajaí.

Normalmente as águas do rio são calmas como um lago, mas às vezes se transformam em corredeiras encachoeiradas.

Nas ilhas cobertas de densa vegetação, sobressaem-se esbeltas palmeiras. A certo ponto, elevam-se do leito do rio gigantescos pilares de uma ponte a ser terminada, pois faltam recursos ao Município.

Ao longo do vale do rio estendem-se montanhas cobertas e florestas verdes, entremeadas por áreas cultivadas e bonitas casas coloniais. Tudo isto sob um céu azul, um ar puro e raios de sol.

O número de residências aumenta gradativamente. Passei por um grupo de casas numa localidade denominada Altona e pouco depois alcancei o Stadtplatz de Blumenau. À direita do caminho está o imponente Colégio Franciscano, com seu terraço ajardinado e a Igreja Católica. Antes de chegar ao Ribeirão Garcia, notei à minha direita o bonito prédio de 3 andares do Hotel Holetz. A ponte sobre o Ribeirão Garcia parece fraca.



Igreja Católica e Colégio Santo Antônio

À minha esquerda vi no porto um pequeno vapor e várias lanchas. Entrei na primeira rua à direita, uma Alameda de soberbas palmeiras reais e pouco depois amarrei minha montaria defronte ao Hotel Brasil. Durante minha permanência em Blumenau, hospedei-me neste hotel, cujo proprietário é o Sr. Schmidt. Consta que este é o primeiro da cidade. A sua categoria corresponde ao nível de um bom hotel de uma pequena cidade alemã. Fiquei muito satisfeito com o atendimento recebido.



Rua das Palmeiras no início do século XX.
Em primeiro plano, à esquerda, o Hotel Brasil.

O Stadtplatz de Blumenau estende-se ao longo da margem direita do Rio Itajaí. A paisagem se assemelha à de uma pequena cidade alemã das montanhas.

Blumenau está ligada à cidade de Itajaí por uma linha telegráfica e o transporte para o porto marítimo é feito por três vapores.

A cidade de Blumenau, em sua projeção urbana, contrasta com a de Joinville. Blumenau é uma cidade aberta, mas não tão extensa como Joinville. É comum a ambas as cidades a falta de calçamento das ruas, sendo que Blumenau não tem iluminação pública e apesar dos esforços, muita coisa ainda se encontra em seu estado primitivo.

No entanto, Blumenau, com seus 2.000 habitantes, número inferior ao de Joinville, transmite uma impressão melhor. Isto devido à existência de lojas mais vistosas e de inúmeras casas de dois pavimentos.

Blumenau possui três escolas: duas públicas e uma particular, sendo que esta última recebe auxílio da Alemanha. Em tempos passados também o Estado de Santa Catarina subvencionava a escola, mas há alguns anos já não o faz.

Joinville e Blumenau possuem um consulado alemão. O Sr. Salingler, comerciante radicado há muitos anos em Blumenau, exerce a função de cônsul.

A imprensa de Blumenau está representada pelo "Blumenauer Zeitung" e pelo "Der Urwaldsbote".

Num comentário a respeito da imprensa alemã no Estado de Santa Catarina, Gernhardt, na sua obra "Dona Francisca, Hansa e Blumenau" diz: *Pode-se "tirar o chapéu" diante dos jornalistas alemães no sul do Brasil, com pequenas exceções.*

Minha impressão sobre a imprensa alemã de Joinville, São Bento e Blumenau não merece qualquer manifestação de respeito. Pelo contrário, as colunas destes periódicos estão cheias de ataques pessoais e obstruções, além de se exprimirem de maneira nada elegante.

Às vezes, os periódicos coloniais de Santa Catarina lembram os romances de "faroeste" de Marc Twain.

Um exemplo na seção de anúncios:

"Atenção!

Como minha vizinha me assaltou várias vezes com uma arma, vejo-me obrigado a andar armado no futuro.

R. W. Wunderwald."

Um outro artigo, publicado no "Der Urwaldsbote", começa da seguinte maneira:

*"Há alguns anos, existia na Itoupava uma comunidade escolar pacífica. De alguns tempos para cá ela foi assolada por uma epidemia que quase a dizimou. A causa desta doença é uma pessoa imprestável, vinda da Alemanha e renegada pela própria mãe. Um bandido que prejudica toda a humanidade. Ainda existem pessoas que não sabem como se livrar desta peste. Se bem que todos reconhecem que este é um grande mal para os seus filhos e se esta praga não for eliminada logo, os pais constatarão as tristes conseqüências em seus filhos. Toquem este canailha para fora dos limites enquanto é tempo. Currículo: **Emil** foi levado para Joinville pela polícia. Caminhou para Blumenau e trabalhou como charuteiro. No Belchior, pediu comida e lhe foi concedida; porém quando estava só, lançou mão do dinheiro de uma cômoda. O colono disparou alguns tiros contra ele..."*

Segue enumeração de outros deslizes do mestre escola e o relato que descreve como lhe destelharam a escola, com um aviso: *"Também estou apelando aos senhores de Blumenau, que não conhecem esta pra-*

ga, para que não dêem ouvido a ele, e sim a nós, que pretendemos educar nossos filhos como bons cidadãos brasileiros e ordeiros."

Blumenau viveu tempos agitados. Houve uma série de inundações conseqüentes da elevação do nível do Itajaí. A última destas enchentes foi a de 1880. Naquela ocasião, as águas subiram além do primeiro andar e nas ruas se transitava com canoas. Os prejuízos foram imensos!

A agitação política da década passada foi tumultuosa e ocasionou tempos difíceis para a pacífica cidade. Os blumenauenses estavam em primeiro plano no movimento contra o odiado Interventor Manoel Joaquim Machado. Em conseqüência das mudanças políticas no âmbito Federal, Machado, novamente voltou a ocupar seu cargo. As tropas policiais, que a seu mando marcharam contra Blumenau, desencontraram-se do contingente blumenauense que estava a caminho de Desterro. Ao pretenderem tomar a cidade, foram rechaçados pela população local.

Nos anos seguintes, durante a Revolução Federalista, as tropas adversárias revezavam-se nas suas passagens por Blumenau.

A Guarda Nacional de Blumenau estava permanentemente sob armas e zelou pela calma e ordem na cidade.

O Brasileiro

Raça - Paciência - Hospitalidade - Estilo de Vida - Funcionalismo e Vida Pública - Dotes espirituais do luso-brasileiro - Economia - Despretenciosidade e ociosidade - Inaptidão do povo para trabalhos culturais - Importância da colonização alemã.

O povo brasileiro é uma mistura de elementos multicores que habita as cidades, as florestas e os campos do Brasil.

Na Península Ibérica, a história mesclou íberos, celtas, romanos, germânicos, mouros, judeus e ciganos. A esta mistura juntou-se no novo mundo uma boa porção de sangue indígena e outra de sangue negro de várias regiões africanas, em função do sistema escravocrata existente no Brasil.

Assim se formou o povo brasileiro, compreendendo uma grande parte da população do Brasil, além dos imigrantes alemães, italianos e suecos vindos mais tarde. A mistura não foi uniforme, e o brasileiro apresenta várias aparências, partindo do negro cor de ébano até o pardo, existindo até tipos portugueses de olhos azuis. Mas, a participação do sangue negro é mais forte que a do sangue indígena, que se caracteriza pelo seu cabelo negro e liso.

Os cruzamentos de negros com europeus denominam-se mulatos; europeus com indígenas, mestiços, que são vulgarmente chamados de caboclos. Bastante raro é o cruzamento do negro com o indígena, denominado "zambo" (cafuzo).

Os portugueses de sangue relativamente puro são denominados luso-brasileiros. O sangue negro é muito representativo nos estados do Norte do Brasil. Por exemplo, quem caminhar pelas ruas de Salvador, enxerga quase que exclusivamente negros.

Na classe alta existe uma participação pequena de sangue negro, bem menor do que as classes mais baixas. Apesar da participação acentuada do sangue negro na população brasileira, ele não dispõe de um bom

conceito. Dificilmente as pessoas confessam em público que em suas veias circula o sangue negro.

Os brasileiros, excetuando-se os negros e mesclados, geralmente de sangue etíope, possuem estatura baixa e aparência feia.

Entre o povo, são raras as pessoas de alta estatura na nossa concepção. Pessoas de aparência imponente são grandes exceções. Em toda a população brasileira, principalmente na região norte, apresenta-se uma degeneração física, provavelmente decorrente da influência do clima e da presença acentuada da tuberculose e da sífilis.

A grande diversidade das origens do povo reflete-se naturalmente no seu comportamento.

Georg Knoll, profundo conhecedor do País, que vive em Campos Novos¹, atribui ao mulato o acentuado gosto pela música e poesia, como também o snobismo, a traição e a vingança.

O mestiço, qualifico como: calado, sério, misterioso, muito inteligente, impetuoso no amor e na vingança.

O negro, na opinião geral é preguiçoso, ignorante, servil para o seu patrão. Não posso dar uma descrição plena das características do povo brasileiro, mas quero contar as características que se apresentam ao viajante.

Uma característica de toda população nativa é a tendência para a displicência, odiando toda e qualquer pressa.

Um norte americano disse-me certa vez: *As primeiras palavras que aprendi na língua vernácula foram: "Espera um pouco" - "Amanhã" - "Se Deus Quiser" - "Paciência"*.

Todas as atividades no Brasil, nas ruas, no comércio, nas cidades, nos trens e navios, no trabalho das oficinas e fábricas, tudo está no lema "Paciência".

Isto também se manifesta na vida quotidiana. Quando alguém vai à casa do vizinho para fazer uma simples compra (uma garrafa de cachaça por exemplo), não fala de suas intenções na primeira meia hora. O homem fica quieto, fumando ou tomando seu café ou mate, até que em

¹) "O interior de Lages", no "Kalender für die Deutschen in Brasilien" - 1904. Rotermond, São Leopoldo, pg. 80.

certo momento, como se fosse para preencher uma pausa na sua conversa, manifesta a sua intenção.

Para o brasileiro, paciência tornou-se uma questão vital: ele tem tanta antipatia contra a pressa e a impaciência, que se tornou característica da sua personalidade.

O estrangeiro, alheio a esta filosofia de vida do brasileiro, deve absorvê-la, caso contrário, terá muitos aborrecimentos.

Certa vez, pernoitei numa hospedaria brasileira no planalto, e pretendia partir cedo na manhã seguinte. O hoteleiro perguntou-me quando queria levantar e prontificou-se a acordar-me e providenciar o café. Disse-lhe: "Às 6 horas" e perguntei se ele já estaria acordado.

— Às 6 horas? - disse ele com ar de desprezo no rosto. Posso acordar às 5, 4 ou 3 horas, como quiser.

Disse isso com tanta naturalidade que acreditei. Cansado como estava, dormi despreocupado. No dia seguinte, acordaram-me às 8 horas. Isto não era anormal, também na Alemanha são displicentes e esquecidos.

Mas o curioso é, e isto é típico do Brasil, que o meu hoteleiro não se deu conta de que algo não estava em ordem, pelo contrário. Quando eu tinha encilhado o meu cavalo para partir sem tomar o café, ele indagou se pretendia viajar com o estômago vazio. O café logo estaria pronto!

Já não tinha tanta importância, pois o destino que eu havia marcado para este dia não poderia mais alcançar. Esperei pelo café por uma hora, com a paciência costumeira.

Uma grande virtude do brasileiro é a sua hospitalidade. O estrangeiro que está cavalgando pelo País, encontrará abrigo na casa do rico latifundiário ou na choupana do peão. A hospitalidade é cordial e o hospedeiro faz tudo o que está dentro das suas possibilidades, a fim de proporcionar ao hóspede uma permanência agradável.

Pode-se notar esta virtude do povo brasileiro, principalmente no planalto, onde a população é considerada a melhor neste aspecto.

Outra característica importante da gente do planalto é o desembaraço e a gentileza cotidiana do homem simples do campo. O peão descalço beija a mão da dona da casa com a mesma nobreza de um cavalheiro europeu.

Um companheiro de viagem diz ao outro, na hora da despedida: _ Desculpe alguma coisa! Quando isto me aconteceu pela primeira vez, perguntei pelo significado e respondeu: _ Pela minha má companhia!

Há um certo exagero no comportamento do brasileiro. Isto se exprime nos cumprimentos e ao despedir-se. Isto não só entre bons conhecidos, como também com homens que conheci superficialmente. Eles apertam a mão direita e batem nas costas com a mão esquerda.

Mulheres, mesmo quando pouco se conhecem, costumam beijar-se quando se cumprimentam, ao chegar e ao despedir-se. O brasileiro se porta muito desembaraçadamente, no entanto, falta-lhe o que nós chamamos boas maneiras da sociedade. Isto aparece principalmente quando se senta à mesa de forma desagradável.

O cavalheiro, trajado de maneira elegante, com uma gravata moderna, não tem constrangimento algum de palitar os dentes após a sopa. Conservar o palito entre os dentes ao falar, ou colocá-lo atrás da orelha como o escrivão o faz com sua pena, aparenta ser a última moda.

De manhã, na hora do café, na falta do guardanapo, a toalha de mesa faz a sua vez. Muitas vezes pode-se perceber o mesmo vício com a presença de guardanapos: é a força do hábito que se manifesta.

Para nós, isto aparenta ser muito estranho, quando por exemplo uma jovem dama, numa vaporosa toailete de Paris, limpa sua boca encarnada com um pano que, na nossa maneira de ver, é sujo demais.

Cuspir e arrotar é comum entre os homens mais finos e bem educados. Cuspir ocupa um papel muito importante para o "gentlmann" brasileiro: na calçada, no café, na sala de visita, no restaurante e até mesmo à mesa. Em último caso, cospem no guardanapo.

A falta de boas maneiras na raça portuguesa ainda se apresenta de outra maneira característica, que quero omitir discretamente.

É a situação que se apresenta em alguns lugares, mesmo nas hospedarias finas. É característica de uma citação de Gestecker: nos navios ingleses as instruções de higiene nos bacios sanitárias só estão escritas em língua portuguesa. Compreendemos muito bem a utilidade deste aviso no Brasil. Numa hospedaria alemã de Porto Alegre, foi afixado um aviso somente em português para os seus honrados hóspedes. Ti-

nha também um aviso que no pátio existia uma privada, que atendia às necessidades daqueles que precisassem.

Além dos hábitos visíveis dos brasileiros, chamo a atenção à corrupção sem fim do funcionalismo público. Arbitrariedades de toda espécie, abuso de poder, suborno, uso do cargo em proveito próprio, sem falar de apadrinhamentos e protecionismo.

O relato feito pelos jornais do Paraná no ano de 1903 é típico da situação brasileira, noticiando que três oficiais de polícia invadiram a casa de um subalterno e assediaram a mulher deste, e quando ele chegou para tentar impedir o intento dos oficiais foi apunhalado.

A importância do suborno na vida pública é demonstrada mesmo em necrológios oficiais em que frisa-se de maneira especial a honestidade do falecido, como no caso do grande estadista riograndense Julio Prates de Castilho, falecido em 1903.

Num país normal, a omissão da honestidade leva a deduzir o contrário. Nos jornais estão na ordem do dia os desfalques. Estas acusações se elevam em milhares.

No ano de 1903, a imprensa relatou um roubo na Casa da Moeda, devido um desfalque de selos de consumo. O principal culpado, segundo dizem, foi o tesoureiro da própria instituição.

Outros casos de mau uso do dinheiro público, envolvendo enormes quantias, foram apurados por um inquérito autorizado pelo Presidente da República, envolvendo o tesouro na caixa de amortização e na caixa de administração postal.

O que o egoísmo tira de um lado da coletividade, devolve em parte maior ou menor, porque um egoísmo se opõe ao outro. Devido à ambição pessoal na administração pública, a corrupção se equilibra conforme a inimizade que se cria.

No ano de 1903, o deputado Varella acusou, no Congresso do Rio de Janeiro, o Senador Vicente Machado, do Paraná, e o Governador Bernardino de Campo, de São Paulo, de terem tirado dinheiro do Banco Republicano e usado o mesmo para as suas administrações, contabilizando os valores como prejuízos cambiais. Os acusados replicaram com ofensas violentas e acusações, resultando num espetáculo tão asqueroso que mal se pode imaginar.

As características espirituais do luso-brasileiro (refiro-me à classe dominante e instruída) são marcadas pela superficialidade. A sua oratória é considerável, mas não consegue definir claramente o assunto.

De acordo com a sua conveniência a retórica é deturpada e não recua ante às falsificações de fatos históricos.

No ano de 1903, o jornalista José do Patrocínio proferiu no Teatro Lírico do Rio de Janeiro um eloqüente discurso que foi publicado no jornal "Paiz".

Enalteceu a figura de Santos Dumont, de descendência brasileira, cujo feito no campo da aeronáutica provocou no Brasil um descomunal entusiasmo. Este fato ocorreu porque no Brasil são poucas as pessoas que se sobressaem.

O discurso publicado também recebeu aplausos do jornal "Gazeta de Notícias" que denominou a fala de José do Patrocínio como uma "Chuva de Estrelas".

Iniciou o seu discurso narrando o cerco de Paris quando balões franceses elevaram-se e seus passageiros escaparam das tropas alemãs.

Gambetta evadiu-se com o balão e assim teve a oportunidade de reorganizar a defesa da França. Na visão de José do Patrocínio, o balão salvou a França.

Os grandes homens citados por Patrocínio, entre eles Montgolfier, construtor do primeiro balão, reconheceu o valor da feliz descoberta. Diz José do Patrocínio que Santos Dumont deu alma ao balão. Santos Dumont não é somente um gênio, é também um abençoado e a sua glória é de todo o povo brasileiro. O balão é o berço do nosso futuro. Olho para o cesto de vime do mesmo e vejo o "Bethsabe", o legislador do povo de Jesus.

Concluindo: José do Patrocínio acha que a descoberta de Santos Dumont irá salvar o Brasil da política expansionista européia como Montgolfier salvou a França. Naturalmente o autor do discurso refere-se à política alemã, pois um largo círculo brasileiro supunha que os alemães pretendiam anexar as colônias do sul do Brasil.

Quando se trata de homenagear o herói nacional, no caso de Santos Dumont, foram queimados inúmeros fogos e os mais novos modelos de chapéus, colarinhos e sapatos tomaram o seu nome.

Certo cientista e diretor de uma Escola Técnica Superior homenageia Santos Dumont dizendo: "Caso o senhor um dia chegar próximo ao sol, o que será provável - pois o progresso da ciência não conhece obstáculos - diga ao sol que o Brasil é mais feliz que ele, pois o sol não produziu um homem como Santos Dumont².

Também na vida produtiva os brasileiros diferem de outros grupos humanos. O brasileiro de longa tradição possui pouca propensão às atividades agrícolas. O seu campo de trabalho predileto é a criação de gado, um tipo rústico de criação praticada há centenas de anos nos extensos campos da América do Sul.

Entrarei em maiores detalhes ao abordar a minha narração sobre os campos. O brasileiro vive em geral como caçador e pescador. Ele segue o rastro da caça por trilhas quase imperceptíveis. Com a mão firme dirige a canoa, um tronco escavado por entre as corredeiras dos rios. É muito hábil no uso da espingarda, principalmente da garrucha de chumbo; se bem que ele não é dotado de boa pontaria, como narram os nossos livros sobre o "faroeste".

Ele também não precisa desta habilidade, porque na densa floresta sul-americana, tem poucas oportunidades para atirar em animais em movimento.

A principal caça é o veado, porco do mato, anta, tigre e jaguatirica. Ele encontra os animais na densa floresta pelo fato de conhecê-la e estar familiarizado com a vida dos animais. Tem predileção de atirar quando estes estão na água, para onde fogem quando acuados pelos cachorros. Os animais próximos a ele facilitam a sua captura e os pica-paus (espingardas) entram em ação, ou quando preferem, fazem uso do longo facão.

O morador da selva também pratica a agricultura, mas em escala menor; além de processar de maneira mais rústica a exploração. Um grande pedaço de floresta é derrubado, permanecendo uma grande parte de árvores em pé. As partes limpas, ele utiliza para plantar.

² Do Deutsches Volksblatt - Porto Alegre



Queimadas e preparação da terra para plantio

O brasileiro é por demais comodista e não retorna para limpar, cultivar e cuidar da plantação. A terra lhe fornece milho, mandioca e feijão. Apesar de plantar numa grande área, a colheita é pequena e mal dá para o sustento da própria família. O brasileiro raramente é proprietário da terra que cultiva e geralmente vive como intruso, desprovido de direito. Quando a mesma está esgotada e as plantações não produzem satisfatoriamente, a caça da selva desaparece, a abundância de peixes na água decresce, ele muda com a sua família para outro local. Ele é tão desprovido de ambição que os alemães não chegam a compreendê-lo.

Para moradia basta-lhe uma choupana desprovida de janelas e cuja simplicidade se assemelha à dos indígenas, dos aldeamentos de Nonohay.

Sua alimentação é constituída de milho, mandioca, farinha, carne seca e de tempos em tempos, caça. Na falta de alimentos, passam fome com naturalidade, consequência do hábito.

Há um ponto que impõe respeito aos alemães! Na despreziosidade deste povo feliz, está a impossibilidade de educá-lo para tornar-se um agricultor sedentário, contribuindo para o desenvolvimento cultural do país.

Onde não existem necessidades, não existem ambições e sem elas não há progresso, apesar da palavra "progresso" estar na bandeira brasileira.

A raiz da inatividade do povo brasileiro reside na sua despreziosa falta de ambição. Ele gosta de ficar de cócoras à beira do fogão, tomando seu café ou mate, fumando seu cigarro de fumo preto e palha de milho, ou ele cela seu pangaré magro e vai passear um pouco. Quando se encontra um cavaleiro pelo caminho e pergunta-se qual o seu destino, esta é a resposta que se encontra. Ele pára na primeira cabana do seu conhecido, com um chamado. O proprietário sai da casa e o convida a desmontar e entrar. No seu interior permanece de cócoras horas e horas com os hospedeiros. Falam pouco! A vida monótona dá pouco assunto para conversa. Num silêncio, a roda está formada e finalmente eles se despedem com a alegre convicção que o europeu exigente sente após um jantar ou baile.

O brasileiro não gosta do trabalho. E pode-se dizer que a brasileira gosta ainda menos. A sua atividade limita-se aos cuidados da casa. Estes não requerem grande esforço, pois sua própria natureza a deixou desprovida do espírito de limpeza da casa e das crianças.

Ela fuma cigarros e às vezes cospe na sala também, tão bem quanto o seu marido. Com esta sua disposição, o brasileiro não morre de fome. Muitas vezes vende um animal, depois outro. Caso seja proprietário de um pedaço de terra, vende um, depois outro, a fim de se prover na vida.

Quando não tem mais propriedade, pensa no trabalho como diarista ou vai derrubar ou plantar em algum lugar. Um saco de farinha ou de feijão para passar a próxima temporada, ele consegue em qualquer lugar. O filho da floresta ou da campanha raramente possui dinheiro. O produto da sua plantação, a criação ou presa da caça ou pescaria que ele leva ao comerciante, passa a ser pagamento de dívidas contraídas anteriormente.

Não estranho se tal elemento é incapaz de transformar a floresta num campo de produção. Um outro tipo de gente é necessário para tal: pessoas com ambições e desejos, esperanças, com senso nato para o con-

forto, para uma vida sedentária, pessoas com vontade de trabalhar e com perseverança são necessárias para levantar as riquezas da terra.

Os predestinados para o cumprimento desta missão chegaram das alturas do Hunsrück, da Renânia, da Westphalia, Schleswig, Hollstein. Com trabalho árduo, privações, lutas ferrenhas com a floresta e seus habitantes selvagens, criaram a sua existência. Durante dias o sitiante carregava sobre seus ombros fortes os pacos mantimentos, produtos das suas colheitas para o comerciante. Gradativamente a selva ficou mais clara, estradas melhores passaram a ligar cidades e povoadamentos.

O pequeno estabelecimento agrícola dos imigrantes alemães formou a base para o desenvolvimento material e cultural no sul do Brasil. Nesta base, o comércio e a indústria puderam prosperar e os centros de imigração alemã no Rio Grande do Sul, elevaram este estado para um dos primeiros lugares sob o ponto de vista cultural. O comércio atacadista e a indústria na importante capital, Porto Alegre, está em grande parte nas mãos de alemães. E pode-se afirmar com convicção: o progresso do sul do Brasil é fruto do trabalho alemão.



Vista do centro da Colônia Blumenau no ano de 1900

O Teuto-Brasileiro

Aspecto físico - Língua - Condições de vida - O que pensam dos costumes dos brasileiros - Comportamento político - Importância do sul do Brasil para a Alemanha.

Nas linhas seguintes, faço um esboço da vida do colono alemão no ambiente de Santa Catarina, em especial na Colônia Blumenau, onde permaneci por algum tempo durante minha viagem. Mas de um modo geral as condições de vida são semelhantes em toda a vasta região de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, havendo naturalmente particularidades das quais falarei oportunamente.

Em comparação com a população rural da Alemanha, houve uma metamorfose na aparência física dos colonos de Blumenau, que aparentemente foi causada pela nefasta influência do clima. Mas não se pode falar em degeneração da raça: a cor da face dos nascidos aqui tem uma leve tonalidade amarela; de modo geral, são de estatura e porte um pouco menores que o agricultor alemão; há um número acima do normal de pessoas altas e magras e, chama a atenção a frequência dos dentes mal conservados.

Nas regiões de colonização, a mescla com brasileiros é relativamente rara. Em virtude disto, mantiveram-se as características do tipo germânico e tive a impressão de que a presença de olhos azuis e cabelos louros está acima da proporção em relação à Alemanha. Uma constatação que me foi confirmada por outros!

Em Blumenau, a língua alemã se preservou e naturalmente entraram no vocabulário dos colonos muitas palavras e expressões idiomáticas brasileiras. Os imigrantes foram confrontados aqui com muitos conceitos que lhes eram estranhos até então. Aceitaram estes termos no seu vocabulário, passando a chamar uma área derrubada "Rosse"; a faca comprida para o trabalho no mato, "Fakong"; o asno, "mule"; o cangalho, "Kangalje".

Além destas expressões, também foram inseridas outras no vocabulário cotidiano. Entraram espontaneamente ou por comodidade! A negativa é "não", como no francês "non" e tem a ênfase "Senhor" e "Sim Senhor", que tomou o lugar do "ja". No meio da frase usam o "mais ou menos" e dizem: _ Comprei isto por "Cento e tantos milréis". Ao despedirem-se adotaram o "té logo". Em vez de barranco, pronunciam "Baranke"; cabresto, "kabreste"; portão, "portong"; pasto, "past"; puxar, "Puschen"; pousar, "posen"; ribeirão, "riberong". Nota-se que adaptaram as palavras portuguesas à sua pronúncia própria e há uma tendência em mudar o gênero das palavras.

Como na língua, também na maneira de viver, nota-se a influência do meio-ambiente. Isto começa na disposição física das localidades, os colonos não vivem em aldeias fechadas: cada qual mora no seu próprio lote.



Casa em estilo enxaimel

Residem numa casa de um pavimento, entre plantações bem cuidadas. As paredes são, via de regra, de tijolos vermelhos com uma armação enxaimel marrom. Os tijolos são fugados com massa branca. As casas de madeira são levantadas em cima de pilares de pedra que aparentam ser pés. Raramente as casas têm um porão. A cozinha está abrigada

numa construção menor, separada da casa principal. As casas estão cercadas de um jardim, com laranjeiras e bananeiras. Tudo isto dá uma impressão agradável e bonita. O interior das casas prima pela limpeza, dando uma boa impressão, havendo sempre as célebres exceções à regra.

Uma propriedade agrícola denomina-se "Kolonie" e o mesmo termo também significa um povoamento de propriedades agrícolas.

As Colônias se alinham ao longo das estradas, havendo uma e outra área de floresta virgem. Mas em alguns pontos as casas se aproximam, formando localidades e núcleos.

A nova geração adaptou-se às exigências e condições do País. Tornaram-se mateiros, caçadores tão hábeis como os nativos. Os nascidos aqui estão familiarizados com cavalos e selas, sabem domar cavalos chucros e usam o laço com a destreza dos tropeiros. Num ponto o alemão não pode comparar-se com o brasileiro: na desprezenciosidade. No cultivo da terra ele é muito superior ao nativo. O brasileiro é extremamente hábil e rápido ao derrubar árvores e ao roçar. Mas falta-lhe a força física, consequência da alimentação. Também não tem a força de vontade e perseverança do alemão. Ele necessita de pausas para descanso durante o trabalho, e depois de alguns dias ou semanas, recolhe-se para descansar por um bom tempo, fumando seu cigarro no seu rancho.

Um contraste enorme com a vida na Alemanha é o uso de montarias nas povoações alemãs no sul do Brasil. As grandes distâncias, os maus caminhos, a abundância de cavalos e o baixo custo de manutenção dos mesmos produziu esta geração de cavaleiros. Nos caminhos, encontram-se pessoas montadas em cavalos ou mulas. Também se vê frequentemente mulheres e moças montadas, um contraste grande para quem está acostumado a ver somente senhoras da alta classe social usando montarias, um privilégio da alta sociedade. Defronte de cada venda e hospedaria, vê-se cavalos encilhados, e junto às igrejas, nas horas de culto há por vezes centenas de montarias. Não se vence uma distância grande, a não ser a cavalo. Mesmo crianças vão à escola no lombo de um cavalo.

Também a alimentação sofreu uma grande modificação, adaptando-se às condições do ambiente. A alimentação básica no Brasil é o feijão preto, que desempenha um papel de maior relevância do que a batata inglesa em nossa casa. Outro alimento básico é a farinha "Farin", que

geralmente é consumida com o feijão já em forma de pirão. Não se cultivava trigo e centeio na faixa litorânea de Santa Catarina; a base do pão é o milho na forma de fubá. A carne é barata, mas como as casas estão muito distantes umas das outras, só se encontra carne verde nas cidades. O lugar da carne verde é tomado pela carne seca ou charque: fatias finas de carne seca ao sol. Nunca criei simpatia por este alimento, principalmente quando tinha bichos e mau cheiro, fato freqüente, que causa repugnância a todas as pessoas civilizadas.

Quando em viagem, consome-se carne seca assada no fogo. A primeira vez que provei este churrasco, não sabia como comê-lo: era duro demais, apesar de ter bons dentes. Fiz o que é comum nestas ocasiões, observei o vizinho. Este tomou um pedaço entre os dentes e separou-o com o facão, mastigando a parte que ficou na boca até amolecê-la, para então poder engoli-la.

Nos povoadamentos a vida cultural se limita à Igreja e à escola. Excetuando-se as cidades, as condições são precárias. Voltarei ao assunto mais tarde, ao falar do Rio Grande, onde condições são semelhantes.

As Colônias, sob o meu ponto de vista, podem ser consideradas como "deutsches Gebiet", uma região de caráter alemão. Nestas colônias foram conservadas a língua, os hábitos e os costumes germânicos.

Também não desapareceu o sentimento de afinidade com o povo alemão. O recém chegado é intitulado de Landsmann - conterrâneo. O vizinho que leva no mato uma vida modesta, é denominado com um pouco de desprezo de "caboclo", isto é, meio índio. E a si próprios, apesar da sua nacionalidade brasileira, intitulam-se com convicção, "alemão".

A vida lá no além mar, debaixo de palmeiras e pinheiros é na realidade uma "vida alemã". Mas é uma vida que ficou muito atrás em relação à nossa. Lembra as condições que existiam na Alemanha em tempos que há muito já se foram.

No Brasil o viajante encontra uma romântica lembrança das velhas estradas alemãs, ao cavalgar entre as extensas regiões de colonização de Dona Francisca ou no Rio Grande do Sul, onde nenhuma linha de estrada de ferro, nenhum automóvel transita pelas estradas, e onde encontra cavaleiros, pesadas carroças com carga, e de tempo em tempo encontra um fino senhor viajando em um carro de mola.

Também não falta a figura do caminhante. Vieram da Alemanha muitos "pobres diabos" e como não possuem cavalo, caminham centenas de milhas à procura da sua felicidade. E a impressão da vida romântica de tempos passados volta, quando paramos numa hospedaria: o peão toma as rédeas da montaria e o hospedeiro leva-nos à sala nobre.

Quando na Colônia, numa venda simples ao lado de um carroceiro, colono ou caminhantes, podemos compartilhar das suas preocupações. Mas temos que ter perceptividade para assimilarmos tantas impressões estranhas, traços pátrios, e um pouco de fantasia, para ignorar uma coisa e notar outra.

Para quem tem esta faculdade, surge uma revelação maior. Quem vê as casas dos colonos no meio das laranjeiras, bananeiras e flores estranhas, à primeira vista nota a diferença da paisagem da velha pátria. O alemão constrói casas sólidas, o vizinho brasileiro se contenta com um rancho de pau a pique. O primeiro, cerca sua casa com árvores frondosas, canteiros floridos e revela assim o seu caráter. O interior das casas, por mais simples que seja, confirma a vontade de progredir e a necessidade de conforto.

O brasileiro é muito diferente. Já na sua língua não existe a palavra "Behaglichkeit" - aconchegante. Isto se constata não somente nos ranchos simples, no mato ou no campo, como também nas finas e elegantes casas das cidades, onde existe a falta de requinte que convida para ficar e descansar.

Os colonos alemães passaram por tempos difíceis, lutaram para criar sua existência. Esta luta imprimiu o seu cunho nas pessoas. Criou paralelamente solidariedade e egoísmo. Aqueles que cruzaram o oceano, encontraram um habitat estranho e compreenderam que, isolados estariam perdidos, e que precisavam uns dos outros. Eles se tornaram prestativos, auxiliavam o recém-chegado com ações e conselhos. O recém-chegado não deve oferecer pagamento em retribuição, pois isto seria considerado ofensivo. Cultivam, como os nativos, a hospitalidade, e não querem tirar proveito do auxílio ao novato!

Mas quando se trata de negócios, o novato não pode esperar auxílio, pois a ambição entra em jogo. Eles não fazem um negócio ligado a favorecimentos. O negócio tem que trazer alguma vantagem e precisa dar

lucros. De um lado são benevolentes, mas do outro, egoístas. Como o novato forçosamente deve fazer negócios com eles, tem que "sangrar". É um fato observado em todas as Colônias; o recém-chegado é considerado objeto de exploração pelos já radicados aqui há tempo. E isto não é de estranhar! O meio forma o homem.

Mostram altruísmo quando as condições de vida o exigem, como por exemplo devido à precariedade das vias de comunicação, a hospitalidade se impõe e o egoísmo se desenvolve na proporção das dificuldades da subsistência.

Outra característica é a fidelidade à cultura alemã, mas temos que mencionar que lamentavelmente nos pontos de entroncamento, ela decresce, com tendência à cultura brasileira. Já se ouve muitos adolescentes dizerem: — Eu sou brasileiro! - num sentido que não significa identificação com sua nacionalidade política, mas sim, rejeição da cultura herdada. E já encontramos o Mueller e o Schulze que se comportam como brasileiros legítimos.

Como reação, existe uma corrente com o lema "Alldeutschland". Esta tendência vem em grande parte dos legados dos anos de 1848. São idealistas em confrontação com os renegados. O princípio do Alldeutschtum (pangermanismo) é o conagraçamento dos alemães de todo o mundo, para a conservação da cultura alemã.

Desde que este pensamento fique dentro dos seus limites, não se pode deixar de tributar-lhe simpatia. Mas em alguns, esta filosofia tem um fundo político. Sonha-se com certos pensamentos especulativos e se vai além do alvo visado.

Estes pontos de vista também foram ventilados na imprensa durante o tempo de minha permanência no Brasil e tiveram seu eco nas folhas teuto-brasileiras. Apontam uma anexação de parte do território brasileiro como uma possibilidade viável. Estas publicações significam levar ao público idéias surgidas numa roda de cerveja, sem nenhum fundo ou base. Objetivamente são sem qualquer fundamento e o tema causa um prejuízo irremediável.

O brasileiro encara a política alemã com muita desconfiança. Grandes círculos nativistas têm uma posição hostil à cultura e imigração alemã, e os norte-americanos alimentam o pensamento do "perigo ale-

mão". As publicações aumentam o ódio e o receio, trazendo prejuízos incalculáveis para a colonização germânica.

A população teuta adotou a cultura alemã, no entanto, a política da Alemanha goza de pouca simpatia. Isto se deve ao fato de que em tempos passados, os alemães no sul do Brasil não encontraram respaldo nos consulados. Na realidade os colonos que tiveram prejuízos nos tempos da revolução e apelaram para o consulado, ainda estão esperando pela sua indenização, enquanto que os italianos, através de seu consulado, receberam indenizações superiores aos seus prejuízos.

No mais, existem nos círculos dos teuto-brasileiros cultos, aqueles que pertencem ao grupo dos renegados, alimentando um respeito incurável ao militarismo e assessorismo alemão. Não querem saber de uma anexação política ao Reich, "Se a Alemanha quiser embolsar o sul do Brasil nós, os teuto-brasileiros, seríamos os primeiros a empunhar a arma contra". Esta frase ouvi mais de uma vez! Como já foi dito, não há razões para atribuir à Alemanha intenções de anexação. A importância do sul do Brasil para a Alemanha não está no campo político, mas sim no setor econômico.

Nosso comércio conquistou aqui um mercado consumidor importante. Ferragens, ferramentas, máquinas, artigos de algodão e lã, couro, papel, cerâmica, porcelanas, confecções, tintas, brinquedos e muitos outros produtos industriais são importados da Alemanha. A conservação da cultura alemã é uma garantia para a continuação. No campo dos interesses materiais, o Reich deve zelar pela conservação da cultura alemã no sul do Brasil.

A situação econômica da Colônia Blumenau

No início das colônias de Blumenau dominou o sistema da pura exploração do solo. A floresta foi destruída pelo machado e pelo fogo. O solo foi cultivado por alguns anos até o seu esgotamento. Então, a terra permaneceu em descanso e depois passou a ser cultivada novamente, até o novo esgotamento. E assim continua, planta-se, deixa-se descansar, e planta-se novamente ou transforma-se em pastagem.

Nas últimas décadas, a agricultura da Colônia Blumenau fez algum progresso. Muitos colonos abandonaram o uso exclusivo da enxada e passaram a utilizar o arado e a grade. Mas isto só pode ser feito em terras planas. Em terras com maior declive, o uso do arado não é possível, pois revolve o solo e causa erosão. Com a chuva, a camada de humus é levada para as baixadas.



Vida rural dos imigrantes do Vale do Itajaí

Outra mudança foi o fato do colono não esgotar o solo por completo, mas transformá-lo em pastagem para o seu rebanho. E assim apareceu uma considerável produção de leite e simultaneamente uma criação de suínos e produção de banha. Na escala da exportação, os laticínios ocupam o primeiro e os produtos da suinocultura, o segundo lugar.

As produções de milho, mandioca, cana-de-açúcar e fumo são consideráveis. Os produtos do tabaco ocupam o terceiro lugar. O açúcar e a cachaça ocupam o quarto lugar na exportação. O milho e mandioca não são exportados, pois usam estes produtos para o trato dos seus animais.

Os excessos de produção, exportados, destinam-se principalmente para o Rio de Janeiro e São Paulo. Para o planalto oeste de Santa Catarina vão o açúcar e a cachaça.

A agricultura se baseia no sistema da pequena propriedade. Uma produção em grande escala não é viável devido ao alto custo da mão de obra. É difícil conseguir trabalhadores, dado o baixo preço das terras, que facilitam o estabelecimento autônomo. Preferem trabalhar para si do que para estranhos. O colono depende do seu próprio trabalho e da família que geralmente é numerosa. Poucos colonos de Blumenau enriqueceram, mas a maioria está bem situada e todos têm sua subsistência.

Mas a situação poderia ser melhor. A carga de impostos é alta, principalmente o Imposto de Consumo. Além disso o preço dos produtos agrícolas é oneroso devido ao grande número de intermediários. O colono entrega seus produtos ao dono da venda e este para o comerciante na cidade, que por sua vez envia para uma firma em Itajaí e de lá seguem para o Rio de Janeiro e São Paulo. Nestas cidades os agentes comissionários vendem os produtos e a fiscalização é exercida pelas grandes firmas sobre seus comissionários. As firmas menores são muitas vezes ludibriadas. Tudo isto contribui para baixar o preço pago ao produtor.

Os colonos poderiam evitar os intermediários, caso se organizassem em cooperativas. Mas em Blumenau, ainda não há uma tendência neste sentido, enquanto que no Rio Grande do Sul os colonos já se organizaram. O dono da venda que compra o produto, também fornece todos os artigos necessários aos colonos: é exportador e vendedor, simultaneamente.

Existe entre eles o comércio de compensação. O dono da venda está empenhado em dar mercadoria ao agricultor ao invés de dinheiro. Este comércio, o "Trock", é a característica da economia catarinense. O vendeiro recebe dinheiro, investe ou economiza. Com isto falta um fator importante: a circulação de dinheiro. E numa época de baixa produção, o colono é obrigado a contrair dívidas que se multiplicam com os juros exorbitantes de 12%. Como devedor, o colono está na dependência do vendeiro e este se prevalece da situação. E muitos colonos não conseguem livrar-se das algemas da dívida.

O autor Kärger, no seu livro "Brasilianische Wirtschaftsbilder" cita um caso ocorrido na Colônia Brusque, vizinha de Blumenau, onde os vendeiros formaram uma sociedade para manter baixos os preços de produtos agrícolas, causando um colapso econômico total aos colonos.

A situação geográfica de Blumenau é muito favorável. O Rio Itajaí constitui uma importante via fluvial para o porto de Itajaí. De lá os produtos seguem para São Paulo e Rio de Janeiro. Até pouco tempo, todo o transporte era feito pelos vapores do "Lloyd Brasileiro". Os fretes eram muito elevados, devido ao pouco volume de mercadorias. O comércio com o planalto sofre com a falta de vias de transporte adequadas, e se orienta principalmente para Porto Alegre e Curitiba.

Os fretes do Lloyd Brasileiro são muito altos. Além do mais a companhia é pouco confiável e impontual e muitos produtos chegam deteriorados ao destino. Espera-se uma melhora com a fundação de uma nova companhia de transporte, a "Companhia de Navegação Cruzeiro do Sul". Esta companhia pertence a várias firmas brasileiras conceituadas, como também a Hamburg-Amerika-Linie e a Hamburg-Suedamerikanische-Dampfschiffahrts-Gesellschaft.

Outra perspectiva promissora é a ferrovia planejada entre Blumenau e Rio Negro, um projeto cuja execução parece garantida.

A Colônia Hansa

A caminho de Hammonia - As atividades da Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft - A situação econômica e perspectivas - Planos ferroviários - Instituições sociais e assistência pública - Caminhadas pela zona colonizada.

Conforme narrei anteriormente a cavalgada de São Bento a Blumenau, levou-me para um distrito que está sendo colonizado pela Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft. Está situado na região do Rio Hercílio, um dos afluentes do Rio Itajaí-Açu, que é denominado pelos alemães de "Nordarm". O Distrito tomou o nome do Rio, "Hercílio" e seu núcleo é o "Stadtplatz Hammonia", distante 75 Km de Blumenau.



Rio Hercílio, afluente do Rio Itajaí-Açu

Visitei esta colônia, partindo de Blumenau. O inspetor de terras deste distrito reside em Blumenau e chama-se Sr. Abry. Fiz a ele uma visita. É uma pessoa muito gentil e colocou à minha disposição sua

montaria: uma mula, animal forte e resistente. Minha montaria estava precisando de descanso para a próxima viagem. Aceitei a oferta com prazer e deixei a mesma sob os seus cuidados. Por intermédio do Cônsul alemão de Itajaí consegui despachar minha volumosa bagagem para o Consulado de Porto Alegre.

No dia 18 de junho de 1905, iniciei a viagem, passei por Indaial e continuei pelo caminho à margem direita do rio Itajaí Açu em direção ao interior. Logo deixei a localidade de Warnow para trás. Ao longe apareceu uma rocha de pórfiro com a silhueta do "Bugerkopf" (Morro Pelado). "Buger" é o nome dado aos selvagens das matas virgens do sul do Brasil. Com um pouco de imaginação, o morro tem a forma de uma cabeça humana, daí a origem do nome.

Em ambas as margens do caminho estão situadas bonitas casas com pastagens, limitadas por cercas vivas de limoeiros com frutas douradas. No lado do caminho as embaúbas caracterizam a paisagem.

A embaúba é uma árvore de tronco esbelto e ereto, com folhas grandes em forma de uma estrela. As folhas estão na extremidade horizontal dos galhos cuja ponta está voltada para cima parecendo um braço com a mão. Esta árvore procura luz e só cresce à margem dos caminhos, à beira dos rios e das plantações. Não é encontrada no interior da densa floresta.

Junto às casas crescem pinheiros com sua copa em forma de guarda-sol. São árvores plantadas e seu habitat é o planalto no oeste além dos cumes azuis da montanha. A Palmeira é a árvore característica da baixada litorânea. Duas espécies são freqüentes: o palmito e o coqueiro. O coqueiro, menos freqüente é o exemplar mais bonito: seu tronco é mais forte, sua copa é mais densa e as folhas recurvadas formam uma coroa. O tronco do palmito é reto. Além destas duas espécies, o tucum com seus espinhos é outra palmeira anã, muito linda, denominada pelos colonos de "Dachblattpalme" (Uricana). As folhas são utilizadas para cobertura dos seus ranchos.

À beira do caminho parei numa venda. Mal havia chegado e uma carroça parou defronte à porta. Moços e moças em trajes de festa desceram e foram para o balcão. Era um par de nubentes com seus acompanhantes. O noivo mandou servir cerveja: os moços começaram a beber e

as moças só bebericavam no copo. Um músico que acompanhava o grupo abriu uma caixa preta, tirou o violino e começou a tocar. Do lado de fora da venda estouravam foguetes. Os foguetes nunca faltam num momento de festa. É um costume dos brasileiros que foi aceito com entusiasmo pelos alemães.

As garrafas logo esvaziaram. Subiram na carroça e estalando o chicote partiram em direção à próxima venda. O grupo estava a caminho de Indaial, local onde se realizaria o casamento. Este é um aspecto dos hábitos populares no qual se espelha o estágio de desenvolvimento do País.

Muitos colonos, para efetuar o pagamento dos seus impostos, comparecer perante o juiz ou realizar um casamento, às vezes têm que fazer uma viagem de vários dias. Os colonos costumam fazer da viagem do casamento civil, uma antecipação da festa, sendo que a festa do casamento propriamente dita é realizada entre um círculo maior, onde comparecem um grande número de convidados de acordo com a tradição dos colonos alemães.

No decorrer da tarde cheguei à localidade "Bugarbach", na margem do rio do mesmo nome. Encontrei na hospedaria um bom alojamento e uma boa cerveja da "Cervejaria Hosang".

Na manhã seguinte atravessei o Bugarbach e à minha direita apareceu o Morro Pelado. Ali as águas verdes do Itajaí correm entre pedras escuras, contrastando com a espuma branca. O caminho contorna o morro em arco. Pouco depois cheguei à balsa e o caminho continua serpenteando ao longo da margem esquerda entre uma bela mata que é o divisor de águas entre os ribeirões do Cocho e o Taquara. Do alto tive uma bela vista para os morros azuis.

Comecei a descida para o vale do Rio Hercílio. O caminho é íngreme e o acesso à Colônia não é o ideal. Desde a passagem da balsa havia cavalgado aproximadamente duas horas, quando vislumbrei por entre o verde da floresta um grande esqueleto de madeira. Era a igreja de Hammonia em construção. Logo depois surgiu numa clareira à margem do Hercílio, era o comprido galpão dos imigrantes e as poucas casas de madeira do Stadtplatz Hammonia (atual Município de Ibirama).

Quem espera encontrar uma cidade na nossa concepção sofre uma grande decepção. Ao chegar, descendo pelo Taquaras ao Stadtplatz, nas margens do "Nordarm" (Braço do Norte) constatará que por ora o Stadtplatz não é cidade nem aldeia. Estes locais despertarão mais tarde, depois do desenvolvimento econômico, o desejo de uma qualidade de vida melhor, com base no crescimento do comércio e da produção. Na previsão deste desenvolvimento, os lotes previstos para o Stadtplatz são vendidos por um preço mais alto em relação aos lotes rurais.

Hospedei-me por longo período na estalagem do Sr. Luederwald. A hospedaria é uma construção simples e típica das colônias sul-brasileiras. Era muito asseada e bem administrada. As refeições nestas condições foram as melhores possíveis e muito baratas. Paguei por uma diária, de 1.700 Réis ou seja, 1.70 Marcos.

Em Hammonia, conheci o Diretor da Colônia Sr. Doerck, que estava a serviço da companhia. O Sr. Doerck reside há muito tempo no País e é um excelente conhecedor das condições locais. Tive a oportunidade de acompanhá-lo ao interior nas suas inspeções e muitas vezes fui acompanhado pelo Intendente Distrital do Hercílio, o velho Senhor Wehmuth. A estas cavalgadas devo as impressões da organização da colônia Hansa.

A Hanseatische Kolonisationsgesellschaft M.B.H. foi fundada no dia 30 de março de 1897. Ela assumiu um contrato com o Hamburger Kolonisationsverein de 1849, uma área de 650.000 hectares de terras concedidos em 28 de maio de 1895. Além disto ela adquiriu 5.000 hectares de terras não ocupadas do Kolonisationsverein e mais 2.225 hectares de terras de particulares. Possui ao todo uma imensa área de 657.225 hectares³.

Ela começou a povoar os territórios de Itapocu, Pirahy, São Bento e Hercílio. Os três primeiros territórios estão situados na velha Colônia Dona Francisca. O território do Pirahy está povoado há alguns anos. Em 1903 o território do grande Itapocu foi declarado área de povoamento para emigrantes, parentes dos já residentes. Todos os novos colonizadores foram encaminhados para o Distrito do Hercílio, cuja povoação começou no ano de 1900.

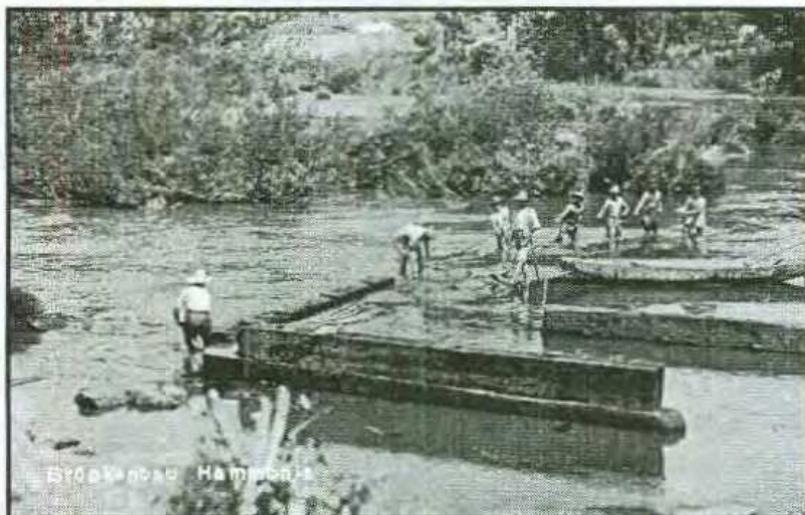
³) Estes e os dados que seguem foram cedidos por gentileza do Sr. A. W. Sellin.

No dia 31 de dezembro de 1904 a Hanseatische Kolonisationsgesellschaft tinha vendido 1.044 lotes, dos quais 60 localizavam-se no Stadtplatz. Na mesma época a população era constituída de 2.902 pessoas assim distribuídas: 1.069 no Distrito de Itapocu, 1.198 no Distrito de Hercílio, 186 no Pirahy e 449 em São Bento.

A maioria dos imigrantes veio da Alemanha. Os lotes foram também vendidos para migrantes das velhas colônias alemãs. Aqueles que vieram da Europa, aprenderam a técnica do cultivo da terra com os migrantes. Para Hansa imigraram austríacos, russos-alemães e outras nacionalidades.

A Companhia, inicialmente, mandou medir, pelos seus engenheiros, as terras destinadas à colonização e dividi-las em parcelas de 25 hectares ou 100 morgos, com 250m de frente e 1.000m de fundos. As divisas são abertas com clareiras e marcadas com piquetes originando as chamadas picadas, trilhas que depois serão transformadas em caminhos.

O valor da gleba, dependendo da qualidade do solo, oscila entre 1.100, 900 ou 700 milreiros. Como já mencionei, os terrenos no Stadtplatz são mais caros. Aos compradores que pagam à vista concede-se um desconto de 10%, mas os pagamentos à vista são raros. O comprador não está obrigado a fazer o pagamento no ato da compra e dispõe de um prazo de 2 anos para pagar os juros sobre a dívida. Os Juros de 6%, à primeira vista aparentam ser altos, mas deve-se levar em consideração que no Brasil são mais elevados do que em nosso país e em Blumenau e Joinville existem aplicações seguras que rendem juros de 8%.



Construção de ponte sobre o Rio Hercílio

Simultaneamente com a povoação são construídos caminhos, pontes e balsas. Esta atividade é uma das mais importantes, por parte da Companhia colonizadora, para o desenvolvimento econômico e de suma importância para o progresso cultural do País. Ela se reflete no relatório da Companhia Colonizadora que, no ano de 1904, investiu 94.632 milréis para a construção de estradas.

As estradas como vias de escoamento e afluxo são uma premissa para o desenvolvimento econômico. A maioria dos imigrantes que se fixam na Colônia são pobres. Alguns chegaram sem 1 Pfennig⁴ no bolso. Ultimamente a compra de um lote está na dependência do pretendente dispor de 100 Marcos. O recurso para prover o colono com dinheiro é a contratação para construção de estradas. Na medida do possível, a construção de estradas é feita por empreitada.

A Companhia paga 800 Réis por metro corrido de estrada com 4 metros de largura. Quando o terreno é acidentado, paga 1 milréis e, quando há necessidade de cortes de terra, paga mais. Cada colono tem a prioridade de construir a estrada que está entre os limites da sua propriedade. Nos trechos onde há problemas, as dinamitagens se tornam necessárias. Estas são realizadas por pessoas de competência, e os colonos co-

⁴) Centavo de Real.

laboram como diaristas. Ao mais predomina o lema: "cada colono cuida do trecho de caminho que é da sua competência".

Este sistema é muito útil para a sustentação dos colonos durante os primeiros tempos, mas também tem as suas desvantagens. A qualidade das estradas sofre, pois nem todos os caminhos tem o melhor traçado, evitando elevações e descidas desnecessárias. Acontece também que um ou outro colono recebe o seu pagamento adiantado, e demora a execução do serviço em prejuízo dos que necessitam do trecho da estrada.

Em casos de extrema necessidade, a Sociedade dá adiantamentos a fim de amenizar a falta de dinheiro. Constatei que a Sociedade concede um segundo adiantamento, mesmo que o primeiro não tenha sido saldado. Também são concedidos adiantamentos para a agro-indústria e compra de animais.

A Companhia é ativa no campo da assistência social, construindo escolas, fornecendo assistência espiritual e médica, sem fins lucrativos.

No fim do ano de 1904, existia na Colônia nove estabelecimentos de ensino. A Companhia concedeu às comunidades escolares adiantamentos para a edificação de prédios e doou os terrenos. Contribuiu com uma parcela para a remuneração dos professores, sendo que o restante foi arrecadado entre os pais dos alunos. O ensino é ministrado em língua alemã, sendo também obrigatório ensinar o português.

No território do Distrito do Itapocu a assistência espiritual é ministrada pelos clérigos das comunidades vizinhas. O território do Hercílio tem o seu próprio pastor residente. No campo da assistência, a Companhia gastou durante o ano 1904, a importância de 4.927 Milreis com médicos, remédios e tratamento de doentes pobres.

Vê-se que as atividades da Companhia são amplas e variadas. Ela cumpre os seus compromissos com muita responsabilidade e merece reconhecimento. Ela tem a confiança dos colonos, se bem que existe uma e outra reclamação justa ou improcedente.

Lamentavelmente o número de pessoas sempre insatisfeitas é grande. Os empreendimentos capitalistas são vistos com desconfiança pelas classes baixas e são um campo para especulações.

Ouvi até um boato: a Hanseatische Kolonisationsgesellschaft estaria até satisfeita com o fato dos colonos abandonarem as suas terras, pois seu interesse estaria nas terras desmatadas por estes, as quais pretendia usar para a pecuária e cultivo de fumo em grande escala.

Caro leitor! Caso tenha dúvidas, vá para qualquer colônia alemã na América do Sul e lá escutará a mesma cantiga. Ainda está para nascer o colonizador que consiga satisfazer a todos os seus colonos.

Depois de poucos dias de permanência em Hammonia, assisti à chegada de um grupo de imigrantes. No barracão dos imigrantes logo se desenvolveu uma intensa atividade. Caixas, malas e sacos foram descarregados das carroças. Um ou outro volume foi aberto para retirar o que era de primeira necessidade para tornar habitável os compartimentos do galpão. Ouvi desabafos raivosos ao encontrarem peças de vidro e porcelana quebradas, consequência das estradas brasileiras. E nem todos se consolam como o ditado: "Scherben bringen Glueck" - "**Cacos trazem sorte**".

Neste meio tempo foi aceso o fogo na cozinha defronte ao galpão e as mulheres trouxeram da venda próxima: carne, batata-doce, pão de milho e logo fumegou a primeira refeição. Na hospedaria o movimento era grande! Estavam presentes um maior número de antigos colonos do que normalmente. Vieram para ouvir dos novos, algo de interessante da velha pátria e também para fazer uma eventual compra vantajosa: um cobertor, uma peça de vestuário ou de cozinha, pois os imigrantes traziam uma e outra coisa que aqui na selva não existia e lá em baixo, em Blumenau, estava muito caro devido ao frete e à taxa alfandegária.

Nos dias seguintes os colonos percorreram a colônia à procura do seu lote. De acordo com o contrato, a Companhia pode designar o lote, mas na medida do possível, leva em consideração a escolha do recém-vindo. Na prática, todos recebem o lote que escolheram.

Muitos, ao chegarem na floresta dão sinais de decepção e desabafam: "Não imaginei que fosse assim!" Também ouvi muitas vezes a afirmação que o dito no prospecto da Companhia não correspondia com a realidade: "Isto não está correto!" O desejo é o pai do pensamento. Quem alimenta planos para emigrar, espera do país da sua escolha tudo bonito e agradável. Este desejo nasce de um quadro imaginário positivo do país

escolhido. Ele assimila o positivo e reprime tudo que é negativo. Muitos vieram imaginando encontrar o céu na terra ao lerem sobre a grande variedade de frutas, beleza da paisagem e abundância de caça na floresta.

Esperavam encontrar bananeiras, melancias, ameixas em abundância, tucanos, jacutingas assadas e o ar perfumado por cheiro de cachaça gostosa.

Aqui eles encontram ranchos de palmito dos que vieram antes e florestas impenetráveis que esperam ser derrubadas pelo seu machado. Aqueles que já se estabeleceram, alimentam a superstição de que com a chegada de novos imigrantes virá um longo período de chuvas. Na realidade terão que caminhar por caminhos amolecidos pela chuva e tão cedo não estarão sentados confortavelmente diante de um canecão de cerveja alemã.

“Não imaginei que fosse assim. O prospecto não diz isto”, desabafa alguém desiludido. Em alguns a decepção vira desespero. Se ele dispõe de recursos, logo foge da inóspita floresta. E se estiver em condições de redigir, apressa-se em comunicar à imprensa alemã desaconselhando a emigração para o sul do Brasil.

A Companhia não se cansa em alertar contra a emigração precipitada. O prospecto chama atenção aos sacrifícios que esperam o colono e que não tenham perspectivas de riqueza fácil, pois somente com muito trabalho alcançarão certa abastança.

Literalmente diz: “Quem emigra para a Hansa no sul do Brasil deve estar preparado para superar decepções.” Quem tem condições de ficar na Pátria não deve emigrar, pois ninguém pode lhe assegurar que terá o sucesso de alguns⁵.

A corrente imigratória para o sul do Brasil é pequena. Os compatriotas que procuram mudança nas suas condições de vida, não vêm mais para a América, vão para as cidades e fábricas.

⁵) Página 32 do prospecto.



Jovens colonos imigrantes em Ibirama

Em sua maioria, os atuais imigrantes são trabalhadores de fábricas, artesãos de cidade, pequenos negociantes, como também pessoas pertencentes à classe alta, que por motivos quaisquer, procuram uma mudança de vida. Está claro que não é um material tão valioso como os diaristas, agricultores de parceria que vieram de Pommern ou Mecklenburg com os quais o Dr. Blumenau iniciou sua colonização.

Difícilmente os moradores da cidade se conformam com a falta de conforto e diversão que lá fazem parte do seu cotidiano. A maioria não está acostumada ao trabalho pesado que exige a floresta. O feijão, a farinha e a carne-seca não agradam a todos os paladares. Estavam habituados a receber toda semana ou todo mês o seu salário e aqui por longo tempo recebem pouco ou nenhum dinheiro na mão.

Em virtude disto, cerca de 50% dos imigrantes que chegam deixam a Colônia, devido à má impressão causada pelo povoamento ou por não suportarem a vida na floresta. Com o desenvolvimento, diminuiu a fuga da floresta, mas no ano de 1903 de um total de 643 imigrantes, 277 pessoas deixaram o Distrito do Hercílio. Aqueles que abandonam o Dis-

trito, em sua maioria são solteiros e não estão comprometidos com mulheres e filhos.

Vamos deixar estes e voltar a nossa atenção à vida e atividade dos que enfrentam a luta contra a selva. A vida daqueles que se transformam de cidadãos em colonos da floresta é pesada.

A primeira preocupação do recém-chegado é o seu abrigo. Caso o seu lote não fique próximo do núcleo, seu primeiro abrigo é um rancho. Este rancho é constituído por 2 pilares unidos por uma trave, sustentando um telhado que vai até o chão. É fechado nos lados por sarrafos de palmito e coberto com folhas de palmeira uricana, amarradas aos sarrafos com cipó. O chão é de terra batida e as janelas são simples aberturas nas paredes. A mobília compõe-se de camas, uma mesa, banco e algumas cadeiras e caixas, que fazem o papel de armários. Normalmente, a cozinha fica num rancho separado com um fogão de pedras.

Pode-se imaginar que não é um prazer residir nestas condições simples. Umidade e insetos têm livre acesso, o espaço é pequeno e o conforto quase nulo. Pessoalmente, daria preferência a este rancho de palmito às condições reinantes nas nossas grandes cidades, onde milhares de pessoas vivem em recintos pequeníssimos, porões escuros ou sótãos. Mas chega o dia no qual o imigrante substitui seu rancho de palmito por uma casa de madeira sólida e coberta com tábuas. Mais tarde uma casa de alvenaria toma o lugar da casa de madeira.

A preparação da terra para a plantação se processa da seguinte maneira: inicialmente limpam a vegetação rasteira com o facão ou foice (instrumento de corte com um cabo comprido). Depois de derrubadas as grandes árvores com o machado ou serra, limpam o tronco dos seus galhos. Para secar, esperam seis semanas ou mais, dependendo do tempo, e num dia de sol lançam fogo. O que não for devorado pelas chamas na primeira queima, amontoam e o queimam novamente. Restam os grossos troncos e tocos que são removidos e na medida do possível plantam nos espaços vazios. Nós que estamos acostumados às áreas limpas, planas e aradas, estranhamos o aspecto desordenado desta plantação que chamam "roça".

Nas velhas colônias plantam na mesma roça de 6 a 7 anos e deixam que ela descanse pelo mesmo espaço de tempo. Logo cresce uma

vegetação que chamam de "capoeira". Esta vegetação é diferente da floresta virgem. Lá crescem plantas que na floresta não encontram a luz que precisam ou que perderam a luta pela sobrevivência. Afirmam até que certas plantas são peculiares a ela e não existem em outros lugares, um fato curioso, que gera dúvidas quanto ao seu significado. O colono também derruba esta capoeira a ferro e fogo e torna a plantar e colher.

O novato planta na terra virgem e fértil da sua "roça" o que necessita para o seu sustento: milho, abóboras, tubérculos como batata, mandioca, mangaritos, aipim e taiá. No povoamento do Hercílio já existem grandes plantações de cana de açúcar que no momento são usadas para forragem do gado. Mais tarde servirão para a fabricação de açúcar e cachaça.

Plantam também fumo, arroz e café e inúmeros temperos para a cozinha, principalmente pimenta. Também iniciaram a plantação de algodão em fase experimental. Grande parte das terras desmatadas são usadas como pastagens e alimentam o gado vacum e porcos. A criação de gados vacuns e suínos promete ser uma ocupação com futuro, tomando a mesma importância que têm na colônia Blumenau. O Cultivo do fumo provavelmente terá uma importância como naquela colônia.

Uma praga muito grande para a agricultura são as inúmeras formigas, principalmente as chamadas carregadeiras (saúvas), que são combatidas com água fervente e enxofre.

Uma questão importante é a exportação. Devido ao número cada vez mais crescente de imigrantes, o povoamento consome mais do que produz. Assim sendo, os excedentes são consumidos pelos novos imigrantes.

Mas, com uma produção crescente e redução do número de imigrantes, a situação muda. Para colocar o excedente de produção, como acontece na colônia Blumenau, há a necessidade dos mercados de consumo do Rio de Janeiro e de São Paulo. Estes mercados consomem principalmente manteiga, banha, toucinho e tabaco, sendo que outros produtos como açúcar, cachaça, mandioca, etc., de valores relativamente baixos, não suportam o transporte para aqueles mercados.

A exportação da povoação às margens do Rio Hercílio para os mercados do Rio de Janeiro e São Paulo tomam o seu caminho por Blu-

menau. Dada a distância considerável e à precariedade das vias de comunicação entre esta cidade e o Distrito de Hansa, a construção de uma via férrea é de suma importância, ou talvez decisiva, para o progresso da Colônia. Planeja-se a construção de uma ferrovia de Blumenau para Hammonia e de lá ao longo da margem esquerda do Rio Negro para a cidade deste nome.

A concessão para a construção desta Estrada de Ferro foi concedida em outubro de 1904 para o senhor engenheiro v. Skinner. Ele tem o direito de transferir a concessão a uma Sociedade a ser fundada por ele. Está planejado um ramal para Curitiba. Ao que me consta, os recursos financeiros serão totalmente ou em grande parte fornecidos por capitalistas alemães. A Estrada de Ferro será movida por eletricidade e os estudos estão em pleno andamento. A ligação planejada para o planalto é também de grande importância para absorver parte da produção da colônia, principalmente açúcar, cachaça e mandioca. Em troca, a região será suprida por farinha de centeio, mais barata do que os negociantes de Blumenau podem oferecer.

O Distrito de Itapocu, em virtude da estrada de ferro Transbrasiliana, terá uma ligação para o litoral. A linha passará por São Bento e pelo Distrito de Itapocu. A exportação para uma povoação em desenvolvimento é de importante relevância para o futuro. Na atualidade os novos povoadamentos ainda não colhem o suficiente para o seu consumo e precisam de vias de comunicação para manter baixos os preços dos alimentos. Sobre este ponto de vista, os colonos do Hercílio estão numa situação ruim.

Em julho de 1903, uma saca de milho custava 7.500 réis, enquanto que em Blumenau custava 6.000 réis. Uma saca de farinha pesa 52 kg, uma saca de grão pesa 60 kg e um "Quart" equivale a 15 kg. A farinha custava numa venda 700 réis, em outra até 900 réis, contra 500 réis em Blumenau. Um quilo de açúcar custava 500 a 600 réis contra 300 réis. O preço de um quarto de feijão era 2.200 réis, contra 1.500 réis. Estes preços, comparados com os de Blumenau, são desproporcionais, porém justificáveis quando se leva em conta as perdas por devedores que não progrediram ou deixaram a Companhia.

O colono não tem como se defender. As poucas vendas estão espalhadas pelo povoamento. O caminho mais próximo para a venda é muito longo e a mercadoria precisa ser carregada nas costas, pois carroças ou animais de carga são poucos. Os recém chegados não possuem animais de cargas e muito menos carroças, além de consumirem grande quantidade de alimentos.

A maioria dos colonos está na contingência de comprar numa venda, pagar ou ficar devendo e pagar altos juros. Muitas vezes o comprador é obrigado a receber mercadorias de baixa qualidade. Quando reclama, ouve do vendeiro com o maior sangue frio: “_ Fique satisfeito em receber alguma coisa.”

Estas queixas eram o assunto do dia durante minha permanência em Hammonia. Desde então a Companhia Hanseática tomou uma iniciativa de grande mérito, instalando postos de venda próprios e facultando a oportunidade de compras vantajosas. Esta inovação também evita o perigo do colono ficar na dependência do vendeiro devido aos seus débitos, fato que poderia acarretar seu fracasso. Como a maioria da população é composta de pessoas sem recursos, um endividamento é inevitável. Somente pequeno número consegue sustentar-se com o que recebe na construção de estradas. O colono precisa de crédito no início e isto causa um receio, dada a perspectiva de ficar eterno devedor do vendeiro.

Passamos para as instituições públicas sem interesse econômico. O distrito Hercílio possui no momento cinco escolas: uma no Stadtplatz Hammonia, uma no Rio Sellin, uma no Vale do Rio Rafael, uma no Stadtplatz Neue Bremen e uma no Stadtplatz Neue Zurich. Por ocasião da minha permanência só vi uma escola no Stadtplatz Hammonia. O ensino era ministrado pelo Dr. Aldinger, que simultaneamente era o pastor protestante da Colônia, um excelente pregador, como tive oportunidade de constatar. Por iniciativa do Dr. Aldinger, há pouco tempo foi fundada uma sociedade da Igreja-Escola. A sociedade colonizadora doou um terreno para a escola e para a Igreja. Neste terreno a sociedade escolar edificou uma igreja que simultaneamente serve como escola. Ao chegar em Hammonia a construção já estava levantada até a cumeeira.



Pastor Aldinger, juntamente com seus alunos em frente à antiga Igreja Evangélica de Hammonia

Também se cuida de outros setores da assistência pública. A sociedade mantém um quarto para doentes e tem um médico contratado.

A fim de que não falte entretenimento cultural para as horas de folga, existe no Stadtplatz uma biblioteca grande. A criação desta é mérito do Dr. Aldinger, que conseguiu a doação de livros da Alemanha.

Desde outubro de 1904 o povoamento do Rio Hercílio tem seu próprio jornal, o "Hansabote", que é publicado pelo Dr. Aldinger e vem ao público irregularmente. A folha é impressa nas oficinas do "Der Urwaldsbote" de Blumenau.

Dr. Aldinger é um teólogo alemão e ex-professor da "Colonial Schule zu Witzhausen". Ele fundou aqui uma "Colonial Schule Palmenhoff", destinada à formação em grande escala de jovens na sua profissão. Por ocasião da minha permanência, ela foi muito bem freqüentada.

A administração da Colonizadora Hanseática sofreu uma reestruturação, sendo que a sede foi transferida de Joinville para Hammonia. Essa reestruturação tem a grande vantagem de promover o contato direto entre a direção e os problemas práticos da colonização.

Apesar das grandes dificuldades nas atividades da Companhia Hanseática de Colonização, o povoamento às margens do rio Hercílio está progredindo bem. Há pouco tempo atrás isto aqui era uma selva, onde existia talvez uma picada de caça. No ano de 1900, ecoou pela primeira vez o machado do colonizador alemão. Hoje existem nos Vales do Hercílio, do Cocho, Taquaras, Sellin, Rafael e Índios mais 350 assentamentos. Na confluência do Índio com o Hercílio, no Stadtplatz Neu Bremen, um rancho novo para imigrantes está à disposição daqueles que pretendem assentar-se no lado oeste da colônia.

As margens dos rios estão ligadas por pontes, balsas ou canoas e uma extensa rede de caminhos carroçáveis e picadas que permitem ao caminhante atravessar a floresta.

Acompanhem-me, leitores, numa caminhada: A floresta subtropical envolve-nos maravilhosamente. Ali um palmito esbelto eleva sua copa contra o céu; lá estão cedros, tajubas, figueiras, canelas e outras mais com seus troncos fortes. São gigantes orgulhosos da selva! Entre eles crescem um emaranhado de outras árvores com todas as variações do verde, entrelaçadas por trepadeiras, como grossos cabos esticados e lá adiante um mata-pau abraça mortalmente uma árvore.

No chão cresce uma grande variedades de plantas, algumas com folhas enormes e mais adiante está uma samambaia imponente. Agora aparecem à esquerda e à direita taquaras densas e intransponíveis. A existência de taquaras mansas, bem como a da bananeira selvagem, indica solo fértil. Um pouco adiante o quadro que se apresenta muda. A floresta fica mais clara, dominando as samambaias sobre as demais plantas. Sua delicada folhagem, quando em grande número, forma uma paisagem maravilhosa. Mas esta ainda é sobrepujada pelo quadro que se apresenta logo em seguida. Várias espécies de palmeiras, palmitos, palmeirinhas, palmeiras uricanas dominam a floresta.

A floresta está cheia de vida! Centenas de vozes ecoam do grito rouco do tucano ao martelar dos pica-paus, do grito agudo do papagaio

até o sussurro dos minúsculos beija-flores e mariposas brilhantes voando junto às flores. Estes seres coloridos causam uma maravilhosa impressão. Citando Buffon: "São uma obra prima da natureza".

Depois, algo novo fascina o nosso olhar: uma linha de formigas cruza nosso caminho. Caminham ordenadamente e guias orientam a caminhada, onde as formigas carregam pedaços de folha. As folhas já são murchas e provavelmente estão em mudança para outro formigueiro. Peguei uma formiga nas mãos e quando coloquei-a no chão novamente, ela prosseguiu sem a carga. Coloquei a folha no caminho dela e ao alcançá-la fugiu apavorada.

Um ruído à margem do caminho chama a minha atenção. Aparece uma jararaca, das cobras mais peçonhentas ou venenosas da floresta catarinense e cuja picada já causou a morte de alguns colonos. Rapidamente cortei com um facão uma vara, desfolhei-a e dei fortes batidas nas costas do réptil ... Esta já não vai causar mal a ninguém!

De vez em quando, surge uma colônia no interior da floresta. O mato foi derrubado e na clareira que se abriu é possível ter uma visão desobstruída até as águas do rio Hercílio. Elas correm rápidas e espumantes sobre rochas no leito. As rochas na margem são cobertas de mirtáceas.

Mais adiante as águas seguem calmamente o seu caminho espelhando a floresta das margens e das palmeiras nas ilhas. Além do leito do rio, enxergamos os altos da serra do Mirador. O desnível é sempre igual, as encostas são íngremes e formam uma crista comprida e uniforme.

O nosso caminho chega a uma colônia. Entre as plantações verdejantes estão negros troncos queimados pelo fogo e uma roça nova. No meio da plantação está um rancho construído de palmitos.

Um bando de papagaios com seus gritos agudos sobrevoam alto a clareira, voam alto demais para tentar um tiro, pois uma sopa de papagaio não é desprezível. Ouço o grito de um tucano do lado de uma árvore semi queimada à beira da roça. Cuidadosamente me aproximo até a distância de um tiro, uma detonação e a ave cai pesadamente. Encontro-a logo e posso examiná-la. O corpo tem uma plumagem negro-escura, um pescoço branco e um bico pontudo e gigantesco. Um verdadeiro monstro: o comprimento do bico corresponde à metade do comprimento do corpo. O tucano vai me proporcionar um bom assado!

Encontramos pelo caminho colonos, uns montados, porém a maioria andando a pé. Para o europeu estas figuras causam uma impressão aventureira. A indumentária para o trabalho na roça e pelas andanças na floresta se constitui de camisa, calça e chapéu de aba larga; junto ao cinto de couro está preso um comprido facão e o coldre aponta o cabo de um revólver.

Quando em caminhadas mais longas, leva-se sempre a espingarda, pois freqüentemente existe a oportunidade para a caça de um tucano, uma jacutinga, um uru, um porco do mato ou um daqueles roedores velozes que chamam de paca e cuja carne consta ser a melhor da floresta sul-brasileira.

Encontramos menos pessoas e assentamentos à medida que gradativamente estávamos deixando a região da colônia. Entramos por uma picada estreita e abandonada.

Uma profunda solidão nos envolveu, uma penumbra ilumina o verde da natureza, sentimo-nos enfeitados como numa fábula. Sentimo-nos apreensivos e o coração sente saudades dos pinheiros, das faias, dos ciprestes, dos carvalhos e do canto dos pássaros europeus.

Repentinamente gritam nas copas das árvores um bando de macacos. Os "monos" realizavam seu concerto, mas não conseguimos enxergá-los. Em compensação vimos um pouco mais tarde, nas copas das árvores um bando de bugios pequenos e ágeis, saltando vivamente de um galho para outro.

Mas a floresta abriga ainda outros animais. Os mais ferozes não são os pumas, nem os jaguares que abatem de tempo em tempo animais das colônias. Mais perigosos que os animais ferozes são os indígenas selvagens, "os bugres". O perigo que deles parte não deve ser subestimado. No ano de 1902, no distrito Hercílio, num choque entre eles foi morto um jovem e outro ficou gravemente ferido. Os indígenas da floresta de Santa Catarina pertencem ao grupo dos botocudos. Questiona-se se todos os assaltos havidos foram feitos pelos botocudos. Muitos afirmam, com razão, que um grande número das atrocidades foi feito pelos coroados, que foram assentados no município de Palmas, de onde empreendiam longas excursões de caça e de pesca.

Em tempos passados grupos de bugreiros constantemente vigiavam as regiões limítrofes de Blumenau, a fim de proteger os povoados. Ainda agora, de vez em quando, principalmente brasileiros realizam caçadas aos bugres. Geralmente nada consta nos resultados, pois ainda não está decidido se a morte de um índio, não em defesa própria é considerada crime de morte. E o relacionamento entre os brancos e os de raça vermelha deve ser considerado estado de guerra permanente.

Caminhamos bastante e estamos retornando ao Stadtzplatz e neste meio tempo entardeceu. O coaxar dos sapo-bois que vinha do vale cessou. Na escuridão da noite enxergamos na outra margem do rio o fogo vermelho de uma roça sendo queimada. Acima da copa das árvores está a lua cheia, sua luz ilumina as superfícies das águas do rio Hercílio e as silhuetas negras das montanhas contrastam com o fundo azul prateado, espelhando as margens cobertas de florestas.

As luzes de Hammonia cintilam. Logo estamos na hospedaria da floresta, descansando defronte a um copo de cerveja da Hosang.

Depoimentos

Meu Fiel Testemunho

Dr. ENÉAS
ATHANÁZIO



Em janeiro de 1978, procedente de Rio do Sul, eu chegava em Blumenau para assumir a Promotoria de Justiça da recém-instalada 3ª. Vara Cível. Logo me entrosei com escritores e poetas, alguns deles já conhecidos, participando de suas atividades e da luta pela criação do Conselho Municipal de Cultura (acabei sendo seu primeiro presidente), pela instalação dos núcleos regionais da União Brasileira de Escritores (UBE) e da Associação Catarinense de Escritores (ACEs) e outras tantas.

Não tardei a me aproximar da então Fundação “Casa Dr. Blumenau” e da Revista “**Blumenau em Cadernos**”, da qual me tornei colaborador e, depois, colunista, assinando até hoje a coluna “Autores Catarinenses”. Nessa coluna, apesar de seu âmbito restrito, coloquei a imaginação a trabalhar, não permitindo que falhasse, mesmo quando a matéria disponível era escassa. Tudo que se publicou nesse período em nosso Estado, ressalvadas as omissões involuntárias e inevitáveis, foi, pelo menos, registrado na coluna, por mais trabalhoso que seja. Essa persistência talvez explique o grande número de citações da coluna feitas em outras publicações, livros, capas, “orelhas”, resenhas, etc. Também não esqueci os grandes eventos culturais e literários ocorridos no País e as visitas de personalidades ligadas à cultura ao nosso Estado. Por outro lado, a oficina gráfica da Fundação imprimiu diversos livros e opúsculos de minha autoria.

Em decorrência dessa aproximação, venho acompanhando a vida da agora “Fundação Cultural de Blumenau” há quase vinte anos e desde então estou nas páginas de “**Blumenau em Cadernos**”, o que implica dizer quase metade

de toda sua existência. Tenho sido ainda um divulgador da revista, espalhando exemplares por todos os recantos do Brasil e muitos do exterior.

Sou, portanto, testemunha presencial do esforço da Fundação para manter e melhorar a revista, publicando-a sem solução de continuidade e com o melhor conteúdo permitido pelas circunstâncias. Nem sempre foram as coisas desejadas mas as possíveis. E, nesse particular, não posso omitir o trabalho incansável do ex-diretor José Gonçalves, do revisor Vilson do Nascimento, do chefe das oficinas Bernardo Tomelin, da atual diretora, Sueli Petry e dos demais funcionários que tanto têm se empenhado nessa missão nada fácil. Merece referência ainda o progresso material da própria Fundação nessas duas décadas, passando das antigas e acanhadas instalações para as atuais, coroando o esforço de um grupo de pessoas empenhado na mesma causa. Dizer da influência da Fundação na vida cultural da região seria repisar aquilo que todos sabem.

A constância e a seriedade da revista "**Blumenau em Cadernos**" fizeram dela uma publicação respeitada e admirada, ainda que despertando, às vezes, os inevitáveis ciúmes daqueles "críticos" que nada realizam mas estão sempre prontos a destruir. A maioria das pessoas com quem tenho tratado, no entanto, não regateiam elogios e o crescimento do número de leitores e assinantes confirma o apreço pela revista.

Como sou andarilho, botando o pé na estrada sempre que posso, tenho observado a simpatia que a revista desperta em outras partes do país. Encontrei leitores e assinantes nos lugares mais inesperados, o que jamais aconteceu com outros órgãos da imprensa estadual.

Por tudo isso, tem sido motivo de prazer a colaboração mantida em "**Blumenau em Cadernos**" ao longo de tantos anos, compensando o trabalho exigido por uma coluna como a minha. Deixo aqui minhas felicitações à equipe de funcionários e articulistas pelo trabalho realizado. E um agradecimento especial aos patrocinadores, assinantes e aos leitores cujo apoio é indispensável.

Depoimentos

Arma Sempre Viva

LOTHAR
SCHMIDT

BLUMENAU
EM CADERNOS

40 ANOS

1957 - 1997

Contar história não é tarefa fácil. Menos ainda quando você faz parte dela. E quando se começa não se pode mais parar. Busco no pensamento do Padre Leonel Franca S. J., citado por Milton Marianno, no livro comemorativo dos 80 anos do Banco Sudameris Brasil, que “a idéia uma vez desembainhada, é arma sempre ativa, que já não volta ao estojo nem se embota com os anos”.

O sucesso da Revista **Blumenau em Cadernos**, nestes 40 anos de publicação, comprova que a proposta de José Ferreira da Silva estava correta e cumpre o seu papel no resgate da memória de nossa história. Colecionador desde o primeiro número, guardo a coleção completa da Revista e com o privilégio de possuir o Tomo I autografado pelo autor, com expressiva mensagem de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido em favor da continuação da publicação.

Na década de 60 tive o prazer de liderar, em meu clube de serviço, o Lions Club Blumenau Centro, campanha que sensibilizou diversas empresas e pessoas a garantir o aporte financeiro necessário para cobrir os custos da Revista. Percebo, hoje, com orgulho e satisfação, que o Apoio Cultural persiste e **Blumenau em Cadernos** segue a mesma linha editorial e características implantadas por José Ferreira da Silva, adequando-se, mais recentemente às novas e atuais linhas de pesquisa e aprimoramento gráfico.

Nestes 40 anos ininterruptos, a Revista se consagra como o mais importante arquivo de Blumenau e quem sabe de Santa Catarina, reproduzindo artigos, crônicas, biografias e relatos sobre os mais diversos temas do passado e da atualidade. Vale destacar que nestes 40 anos a Revista se

manteve fiel ao seu primeiro editorial, quando José Ferreira da Silva fez questão de colocar sua publicação acima dos partidos políticos e das polêmicas de natureza religiosa.

Talvez tenha sido este o grande mérito do autor, que mesmo sendo um político, soube conviver com as mais diferentes correntes partidárias, preservando os objetivos que serviram de inspiração para sua obra. Uma obra que resiste ao tempo e representa hoje a mais importante fonte de informação de nossa história, mostrando o valor de nosso povo e a capacidade realizadora de sua gente que, como José Ferreira da Silva teve a feliz idéia de nos levar uma publicação que a cada dia que passa se mostra sempre mais atual e valorosa.

Mesmo após a morte de José Ferreira da Silva, em 1973, Blumenau em Cadernos prossegue sua jornada conduzida por dois abnegados de nossa história - José Gonçalves e Sueli Petry, que souberam interpretar os sentimentos do autor e agregar novos valores à publicação, especialmente com o lançamento do Índice da Revista, com referências de autores e títulos.

Como blumenauense, manifesto meu orgulho e satisfação em poder desfrutar de **Blumenau em Cadernos**, na certeza de que, através de sua publicação estaremos preservando a memória, a cultura e os ideais de pessoas que ajudaram a construir uma sociedade que serve de exemplo para novas gerações.

Depoimentos

Páginas de Vida Pulsante

MARIA
BERNARDETE
RAMOS FLORES

BLUMENAU
EM CADERNOS



1957 - 1997

A revista **Blumenau em Cadernos** com seus 40 anos de atividade cultural, tem representado para os historiadores uma referência obrigatória, quando se trata da pesquisa na região do Vale do Itajaí. Conserva no seu interior, páginas de vida pulsante pelo caráter de sua materialidade escriturística.

Ao registrar memórias e lembranças daqueles que viveram na cidade no passado, deixa vir à tona o movimento cotidiano do espaço urbano, permitindo ao historiador o estudo das mudanças na constituição dos referenciais de moradia, de lazer, de trabalho, de saúde, de educação, de arte e cultura, de relações pessoais no que tangge às relações de classe, de gênero, de gerações e de etnicidades.

Ao traduzir, transcrever e registrar documentos, cartas de colonos, fragmentos de jornais, relatórios da colônia, etc. reúne e torna acessível aos pesquisadores informações históricas que, de outra forma, permaneceriam intocáveis por aqueles que não lêem na língua alemã e/ou permaneceriam em lugares difíceis de serem alcançados, muitas vezes em arquivos e caixas particulares.

Ao apresentar artigos, muitas vezes comemorativos, referentes a datas, monumentos, lugares e personagens históricas, traz à luz, possibilidades de leituras e interpretações, tanto dos referentes dados como dos autores das versões discursivas que aparecem em contextos significativos.

Todo historiador, hoje, sabe que já não há mais a ingenuidade de se pensar o documento histórico como matéria bruta, pura, objetiva, trazido pelas fontes históricas. Tanto as chamadas fontes primárias, colhidas diretamente nos arquivos documentais como as chamadas fontes secundárias que emergem das obras literárias, como é o caso da Revista Blumenau em Cadernos, têm a mesma credibilidade metodológica: ambas necessitam ser historicizadas em sua própria produção enquanto fontes para a história.

Para nós historiadores, a Revista Blumenau em Cadernos, além de um veículo de divulgação da produção historiográfica, é um acervo documental.

Depoimentos

Relatos Estrangeiros de Interesse para a História Catarinense*

ODILON
NOGUEIRA DE
MATOS E
MARIA LUCIA
S. R. RICCI
(PUCAMP/UNICAMP)

BLUMENAU
EM CADERNOS



1957 - 1997

Não são comuns no Brasil, ao contrário, são até bastante raras, as publicações periódicas dedicadas exclusivamente a história regional. Na maior parte, nossas revistas “históricas” foram criadas por entidades consagradas aos estudos históricos, notadamente pelos Institutos Históricos e Geográficos, dos quais o mais antigo data da época da Regência (1838) e serviu de modelo e também de estímulo a numerosos outros que se fundaram por todo o País, a partir de 1860. Certamente não há capital estadual ou mesmo cidade de certa relevância, que não tenha seu Instituto Histórico e Geográfico, em geral mais “histórico” que “geográfico”, às vezes apenas “histórico”, embora na maior parte, praticando um modelo de história que pouco satisfaz aos estudiosos de hoje. Todavia, cumpriram e ainda cumprem sua missão e as suas revistas (pois quase todas as editam, embora nem sempre com periodicidade regular), constituem preciosos repositórios para a pesquisa histórica no País. Fora dos Institutos Históricos, apenas algumas universidades, arquivos, museus e associações, dedicam-se à tarefa nada fácil (e até cada vez mais difícil) de editar revistas.

A publicação que trazemos ao conhecimento dos leitores – *Blumenau em Cadernos* – afigura-se-nos um caso excepcional nos quadros do periodismo histórico brasileiro. Foi fundada e circulou durante mais de vinte anos, sem qualquer vinculação com entidade alguma. Apenas fruto do esforço e dedicação do Dr. José Ferreira da Silva, grande conhecedor, não

*) Publicado na Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica, No. 6, pág. 53 a 62, 1991.

apenas da história, mas igualmente dos problemas sociais, econômicos e políticos do Vale do Itajaí, notadamente de Blumenau. Prefeito da cidade num dos momentos mais difíceis de sua história, precisamente por ocasião da Segunda Guerra Mundial, quando ocorreu a fase de nacionalização daquela extensa área, muito se lhe deve a maneira inteligente como o processo se desenvolveu. Deixando o governo municipal, continuou sempre vivendo na cidade, dirigindo, por muito tempo, a riquíssima Biblioteca Fritz Müller, valiosa sobretudo pelo acervo relativo à colonização alemã em Santa Catarina. Conhecendo bem este acervo, dominando sem dificuldades a língua alemã (na qual, na maior parte este acervo é escrito), ele próprio demonstrando sempre acentuada vocação para a pesquisa histórica, tendo ainda profundo interesse pelo passado da região, surge-nos a criação de *Blumenau em Cadernos*, visando a divulgação da história da cidade e da região, como o passo mais acertado e inquestionavelmente sua maior contribuição à historiografia catarinense.

O primeiro número de *Blumenau em Cadernos* apareceu em novembro de 1957 e a revista conserva até hoje quase as mesmas características, pouco tendo se alterado tanto na apresentação como no programa. Com o falecimento de seu criador, em dezembro de 1973, a publicação passou aos cuidados da Fundação Casa Dr. Blumenau, que ainda a mantém. Está no seu trigésimo segundo ano de publicação ininterrupta, com periodicidade mensal, o que é algo de significativo em se tratando de revistas brasileiras.

Mencione-se que a Fundação Casa Dr. Blumenau¹, instituída pela Lei Municipal No. 1.835, de 7 de abril de 1972, e declarada de utilidade pública em 4 de setembro de 1974, tem como objetivo: "*Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município; organizar e manter o Arquivo Histórico do município; promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional; promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do município; criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural; promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do município.*"

¹) Atual **Fundação Cultural de Blumenau**.

Para realizar tão vasto programa, dispõe a Fundação da já mencionada Biblioteca Fritz Müller, de um arquivo histórico, do Museu Colonial, tendo, ainda, como já se disse, assumido a edição de *Blumenau em Cadernos* após a morte de seu fundador.

O número inicial, de novembro de 1957, trazia uma apresentação que valia por um programa: *“O próprio título está dizendo. Trataremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, sem outras pretensões que não as de concorrer com o nosso esforço e o pouco de inteligência que Deus nos deu, para tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo aos que, na hora que passa, trabalham para que o nosso futuro não seja menos glorioso que o nosso passado. Mas não nos limitaremos a rebuscar arquivos, a contar casos dos tempos idos. Procuraremos, também, apontar aos que, na atualidade, concorrem com o seu trabalho para o engrandecimento comum, o caminho a seguir. O caminho que palmilharam os colonos idealistas que, acima de toda as conveniências, pensaram e agiram em razão do aperfeiçoamento material e moral da comuna, a fim de que esta fosse, em todas as épocas, um motivo de justo orgulho para o Brasil.”*

Muito cedo, porém, escreveu o Dr. Edison Mueller em artigo elaborado a propósito do vigésimo aniversário de **Blumenau em Cadernos**: *“A limitação do assunto indicada nesses elevados propósitos (da apresentação) foi fácil e conscientemente rompida. Sucedeu que, em sua grande magnanimidade, mestre Ferreira da Silva não resistiu ao apelo de também abrigar nas páginas de Blumenau em Cadernos, artigos sobre vultos e episódios históricos dos municípios vizinhos, pertencentes ao antigo território blumenauense, e de outros municípios catarinenses, como Itajaí, Brusque, Joinville, Florianópolis e São Bento do Sul. Desse modo, a revista logo se transformou em órgão destinado ao estudo e divulgação da História de Santa Catarina.*

E é na realidade com este caráter que atualmente a revista se apresenta. Conseqüentemente, todos os nomes expressivos da historiografia catarinense, de fora de Blumenau, passaram a colaborar em Blumenau em Cadernos: Lucas Alexandre Boiteux, Oswaldo Rodrigues Ca-

bral, Carlos da Costa Pereira, Carlos Ficker, Walter F. Piazza, entre outros.

Parece-nos igualmente significativo constatar o apoio que seu fundador e atualmente a mantenedora vem recebendo do empresariado de Blumenau para a manutenção da revista. A relação, em cada número, de firmas importantes da cidade, que contribuem para a realização do empreendimento, representa inegavelmente exemplo de conscientização acerca do valor da publicação e do papel que ela representa para a preservação da memória local e regional. É ainda excelente exemplo para outras cidades.

Revista de pequenas dimensões, raramente ultrapassando trinta páginas, não pode Blumenau em Cadernos acolher matéria muito extensa, a não ser que ela se desdobre por vários números, o que não é boa norma bibliográfica. Mas, vez ou outra isto costuma ser feito e não há como evitá-lo.

A natureza da matéria divulgada em Blumenau em Cadernos é a mais variada possível: documentos referentes à cidade ou à região, notícias antigas relativas ao desenvolvimento da cidade, reminiscências de antigos moradores, cartas, efemérides significativas, crônicas, subsídios históricos, transcrições de matérias constantes de jornais e revistas antigos, biografias, relatos de viagens, relatórios administrativos (como os do próprio Dr. Blumenau), peças de ocasião, comentários de livros de autores catarinenses, enfim, uma variadíssima gama de interesses, em grande parte ligados à vida cotidiana da cidade.

Depoimentos

Blumenau em Cadernos - 40 Anos

*BRAÚLIO MARIA
SCHLOEGEL*



“Blumenau em Cadernos” tem sido durante 40 anos a mais importante publicação da História de Blumenau e uma das maiores referências sobre a História de Santa Catarina.

Iniciada a sua publicação em 1957, durante 14 anos foi dirigida por seu fundador, o Professor José Ferreira da Silva. De 1974 até 1977 pelo jornalista Federico Carlos Allende. De 1977 até fevereiro de 1997 pelo escritor José Gonçalves.

A atual administração da Fundação Cultural de Blumenau, atendendo a uma proposta do Conselho Municipal de Cultura, nomeou uma comissão especial que estudou a reestruturação de “Blumenau em Cadernos” (Portaria 001/97).

A comissão foi presidida pela Professora Sueli M. V. Petry e teve como membros, Maria Teresinha Heimann, Edison Mueller, Cristina Ferreira, Dirceu Bombonatti e Vilson do Nascimento, apresentou várias recomendações para o seu melhoramento.

Algumas das sugestões, os leitores puderam verificar a partir da edição de março de 1997. Conselho editorial próprio; coordenação sob a responsabilidade do Arquivo Histórico; (portaria 019/97 nomeia a professora Sueli Petry diretora da revista) projeto gráfico, estabelecendo quantidade mínima de páginas, variável de acordo com o tipo de colaborações publicadas, aperfeiçoamento gráfico da apresentação e lay-out interno, formato da revista, capa, divisão em seções, melhor divulgação, circulação, indexação no ISSN, etc. Enfim, melhorias para que “Blumenau em Cadernos” continue com sua missão de transmitir o conhecimento histó

rico para que os blumenauenses amem o seu espaço de vida cada vez mais.

Quando do aniversário dos 10 anos da Revista o próprio fundador se referiu aos resultados até então alcançados:

“Blumenau em Cadernos presta, não apenas ao progresso cultural dos nossos municípios, mas também, e de maneira impressionante, ao próprio enriquecimento material da comuna. Sem falar no que representa como achega ao estudo e à divulgação da história da fundação e do desenvolvimento de Blumenau, como colônia e como entidade administrativa autônoma, o registro das lições de trabalho paciente, abnegado e produtivo das virtudes morais e cívicas que nos legaram os ancestrais, seria, por si só, motivo para que essa publicação fosse olhada com carinho e auxiliada por todos os meios, incondicionalmente, pelos poderes públicos e pelos particulares.”

Blumenau em Cadernos é uma revista aberta a todos aqueles que se preocupam com a memória de nossa região. É uma publicação referencial, à altura dos ideais de José Ferreira da Silva que, há 40 anos deste século, semeou fundamentos para a historiografia da nossa terra.

Durante 40 anos desfilaram, ao longo das milhares de páginas de Blumenau em Cadernos, nomes de famílias que foram construindo, pouco a pouco, a nossa cidade. Pessoas que do trabalho compuseram suas próprias histórias, hoje inseridas no quadro maior que é a cidade em si.

A história de Blumenau é um forte elemento para que cada um de nós se conheça melhor e entenda o seu próprio papel.

Afinal, como disse o profeta Jó: “O homem é o que o homem conhece”, se o homem é o que o homem conhece, a cidade será aquilo que seu povo aprender, pois a memória é aquilo que nos dá identidade.

Índice da Revista “Blumenau em Cadernos”
Tomo XXXVIII - 1997

Título	Autor	Número	Página
Abrileiramento alemão nos campos de Lages	Juçara de Souza Castello Branco	07	15
O Apiário	Siegfried Carlos Wahle	09	44
Aconteceu... Nov./Dez. 96	José Gonçalves	01	15
Aconteceu... Janeiro 97	José Gonçalves	02	47
Aconteceu... há 50 anos passados	José Gonçalves	01	26
Aos amigos leitores e Colaboradores	José Gonçalves	02	34
Aposentados do “Viva-a-Vida” encerram o ano com concorrido almoço no BelaVista C.C.	José Gonçalves	01	13
Arma sempre viva	Lothar Schmidt	11/12	58
As Armas do Circolo Italiano di Blumenau	Edison Mueller	10	54
Arquitetura, Cultura, Identidade Local	Vilmar Vidor	07	07
Ata do Conselho Municipal de 10/04/1911 Ata da Comissão Municipal de Turismo, de 04/07/1967	—	08	46
Autores Catarinenses	Enéas Athanázio	01	11
Autores Catarinenses	Enéas Athanázio	02	43
A Barra do Rio Dollmann dá lugar a uma barragem que promete segurança ao Vale do Itajaí	Nilson Cesar Fraga	07	23
Blumenau em Cadernos: 40 Anos	Bráulio Maria Schloegel	11/12	66
Blumenau nas enchentes de 1983 e 1984 e o Imaginário da “Cidade do Trabalho”	Méri Frotscher	09	20
Blumenau: um lugar, uma idéia, uma pessoa	Sabine Kiefer	06	20
Blumenauensidade Auxiliar de Educação Familiar	Theobaldo Costa Jamundá	05	56
Bodas de Diamante de Peter Schelle	Walter Idecker	10	31
O Brasil e a Alemanha na Obra Colonizadora do Dr. Blumenau	Salvio Alexandre Müller	03	16

Título	Autor	Volume	Página
Breve Introdução à Heráldica Cívica Catarinense	Edison Mueller	03	23
Carta de Fritz Müller a sua irmã Rosinha	Fritz Müller	05	35
Carta do Imigrante Franz Sallentien - 1855	Franz Sallentien	04	45
Cavalgadas e Impressões no Sul do Brasil	Wilhelm Lacmann	11/12	09
Centro de Diagnóstico do Hospital Santa Catarina enriquece seu equipamento	José Gonçalves	01	27
Chegou "Ô Catarina" novembro/dezembro	José Gonçalves	01	22
Cirurgia Cardíaca completa dois anos em Blumenau	José Gonçalves	01	22
Código de Posturas da Câmara Municipal da Villa de Blumenau	—	04	34
Com os Botocudos	Gunter Plüschow	10	07
Comenda Municipal de Mérito Fritz Müller	—	05	27
Como os alemães educam seus filhos	—	09	35
Confissões da infância: Cobras Vivas	Knut Evaldo K. Mueller	01	23
Confissões da Infância: Futebol	Knut Evaldo K. Mueller	02	49
A Criatura	Niels Deeke	04	27
Crispim Mira/Homenagem/Variadas	Enéas Athanázio	03	42
Curiosidades de uma Época: tragédia Santos Dumont	Siegfried Carlos Wahle	01	04
Curiosidades de uma Época: o patrão	Siegfried Carlos Wahle	02	37
Documentos do acervo da Família Fouquet são doados para o Arquivo Histórico	José Gonçalves	01	27
Duas Blumenauensidades Desaparecidas	Theobaldo Costa Jamundá	04	55
Ecos de um Congresso/"Nossa América"/Variadas	Enéas Athanázio	06	46

Título	Autor	Volume	Página
Ecos do 1º. encontro da família Michels	—	01	14
Emblemas de quatro municípios catarinenses	Edison Mueller	08	18
O Ensino Escolar em Santa Catarina	—	07	41
Entre duas Guerras/Variadas/Momento Poético	Enéas Athanázio	05	52
Érico, o historiador/ Mulheres em Ação	Enéas Athanázio	07	37
A escola teuto-blumenauense em conflito com o poder público (1850-1917)	Andreas Volkmann	08	07
As escolas paroquiais entre os imigrantes italianos no médio vale do Itajaí-açu	Norberto Dallabrida	09	07
Festa da Cumeeira/Cigarra/Besouro de Natal/Weihnachtskäfer	Theobaldo Costa Já-mundá	06	55
Figura do Passado: o Sargento-mor José de Oliveira Borges	Antônio Roberto Nascimento	01	28
Figura do Passado: elementos para uma biografia de Acrísio Moreira da Costa	Ruy Moreira da Costa	02	50
Figura do Presente: Elizabeth Letzow	José Gonçalves	02	40
Formados novos auxiliares de enfermagem	José Gonçalves	01	22
A Freguesia de São Pedro Apóstolo de Gaspar e as Desavenças com a Colônia Blumenau	André Fabiano Voigt	10	24
Frieda Germer	Aloisius Carlos Lauth	03	38
Fritz Müller: a chama austral da revolução biológica do século XIX	Paulo * M. do Nascimento	05	08
Fritz Müller: um homem que quebrou paradigmas	Bráulio M. Schloegel	05	23
Fritz Müller: um revolucionário da ciência	Sueli M. V. Petry	05	48

Título	Autor	Volume	Página
Fundação Cultural de Blumenau: 25 anos	Bráulio Maria Schloegel	04	07
O Grupo Sul/ Artes na UFSC/ Henrique L. Alves	Enéas Athanázio	09	57
"A Hora" chegou para ficar há quatro anos	José Gonçalves	01	21
Inauguração do Pavilhão em Alumínio (Proeb)	Hercílio Deeke (Niels Deeke)	10	44
Karl Fouquet: blumenauense na bibliografia brasileira	Theobaldo Costa Jáa- mundá	07	52
Livros Novos/ Quem se lembra dele? / Variadas	Enéas Athanázio	10	57
O Maestro Geyer	Braulio M. Schloegel	07	35
O Maestro Heinz Geyer	Edith Kormann	06	34
Maria Kahle	Siegfried Carlos Wahle	03	30
Memórias/Geraldo Luz/Variadas	Enéas Athanázio	04	52
Memórias de uma imigrante	Maria Schürmann Hu- ber	08	25
Meu fiel testemunho	Enéas Athanázio	11/12	56
A Migração de Alemães para o Vale do Itajaí (1838-1850): Pro- cesso Informal de Ocupação de Terras	André Fabiano Voigt	04	20
Minha Vida	Andreas Kinas	08	31
Páginas de Vida Pulsante	Maria Bernardete Ra- mos Flores	11/12	60
A Palavra do Presidente Getúlio Vargas em Blumenau	—	07	31
O papel da administração pública no desenvolvimento local: o caso de Blumenau - contribuições para o debate	Ivo Marcos Theis	06	07
O Pintor Frederico Latta	Edison d'Ávila	10	49
"Por Blumenau Unido"	Theobaldo Costa Já- mundá	09	49
A Prefeitura Antiga de Blumenau	Hans Broos	03	11
Registros de Tombo de Brusque	Pe. Antônio F. Bohn	01	24
Registros de Tombo de Brusque	Pe. Antônio F. Bohn	02	45

Título	Autor	Volume	Página
Regulamento para o serviço de carros, carretas e outros veículos em Blumenau	—	06	42
Relatos Estrangeiros de Interesse para a História Catarinense	Odilon N. de Matos e Maria Lucia S. R. Ricci	11/12	62
Reminiscências da 15	Werner H. Tönjes	02	58
Reminiscências de Ascurra	Atílio Zonta	01	08
Reminiscências de Ascurra	Atílio Zonta	02	39
A Rua 15 de Novembro	Siegfried Carlos Wahle	06	31
Saudações em Verso...	Maria do Carmo K. Goulart	01	10
Sorveterias e Confeitarias	Orlando Olinger	09	47
Testamento de José Henrique Flores Filho (1891)	—	09	31
Três Doutores Republicanos/ Um ford e três políticos/ A Sociedade protetora do patrimônio blumenauense	Theobaldo Costa Jamundá	08	54
Um capítulo da história brasileira: Santa Catarina, tradição e atualidade à luz dos antigos planos imperiais	Maria Luiza Renaux	04	10
Um Catarina de Tijucas	Theobaldo Costa Jamundá	03	53
Uma Noite Italiana no B.V.C.C. que ficará na história	José Gonçalves	01	32
Verbetes para Dicionário de História (13)	Theobaldo Costa Jamundá	01	02
Verbetes para Dicionário de História (14)	Theobaldo Costa Jamundá	02	35
A Vida do Colono	Siegfried Carlos Wahle	10	51
A Visita do Senhor Governador Felipe Schmidt a Blumenau	—	03	45

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)



- Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos" para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)



Cheque

Banco:

Número:

Valor: R\$.....

Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____



Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....

Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Posta: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

- Aiga Barreto Mueller Hering
- Alfredo Luiz Baumgarten
- Altamiro Jaime Buerger
- Antônio Roberto Nascimento
- Ariano Buerger e Família
- Armando Luiz Medeiros
- **Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S/A**
- Benjamim Margarida e Família
- Buschle & Lepper S/A
- Casa Flamingo Ltda
- Companhia Comercial Schrader
- Cooperhering
- **Cremer S/A**
- Curt Fiedler
- D. G. S. Factoring Fomento Comercial Ltda
- Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
- Engepron - Engenharia, Projetos e Montagens Ltda
- Família Fouquet
- Genésio Deschamps
- Gráfica 43 S/A Ind. e Com.
- **Hering Têxtil**
- Herwig Shimizu Arquitetos Associados
- HOH Máquinas e Equipamentos Industriais Ltda
- Joalheria e Ótica Schwabe Ltda
- Lindner Arquitetura e Gerenciamento S/C Ltda
- M.J.T. Representações e Serviços Ltda
- Madeireira Odebrecht Ltda
- Nelson Vieira Pamplona
- Niels Deeke
- Padre Antônio Francisco Bohn
- Posto Hass Ltda
- Silvio Paulo Araldi, advogado, e família
- TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A
- Transformadores Mega Ltda
- UNIMED - Blumenau
- Victoria e Willy Sievert
- Waltec Eletro Eletrônica Ltda

A

"Revista Blumenau em Cadernos" nasceu em 1957, sob a inspiração de José Ferreira da Silva. Nestes exemplares encontram-se temas voltados à história do Vale do Itajaí e Santa Catarina, como nos deixa claro o editorial de abertura do primeiro número da revista: *"Trataremos o passado e o presente de Blumenau, contados e registrados em cadernos mensais, para tornar mais conhecida a história do município, mais estimada e venerada a memória dos homens que fizeram a sua grandeza atual e para que o exemplo desses pioneiros sirva de orientação e de estímulo aos que, na hora que passa, trabalham para que o nosso futuro não seja menos glorioso que o nosso passado"*.

Com o passar dos anos a revista se firmou, tornando-se um periódico excepcional pela sua circulação ininterrupta desde 1957, graças às colaborações recebidas de assinantes e algumas empresas do Vale do Itajaí.

Ao alcançar os seus quarenta anos de periodicidade, a Revista "Blumenau em Cadernos" preserva ainda hoje características que a constituíram, procurando adequar-se às novas e atuais linhas de pesquisa.



**BLUMENAU
EM CADERNOS**
40 ANOS
1957 - 1997